

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

**A CISÃO DO EU ENTRE A RENÚNCIA PULSIONAL
E A FIXAÇÃO DO DESEJO**

Victor Hugo Silva dos Santos

Rio de Janeiro

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S237 Santos, Victor Hugo Silva dos.
A cisão do eu entre a renúncia pulsional e a fixação do desejo / Victor Hugo Silva dos Santos. Rio de Janeiro, 2021.
78 f.

Orientador: Amandio de Jesus Gomes.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, 2021.

1. Psicanálise. 2. Perversão. 3. Recusa (Verleugnung). 4. Filosofia. I. Gomes, Amandio de Jesus. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia.

CDD: 150.195

**A CISÃO DO EU ENTRE A RENÚNCIA PULSIONAL
E A FIXAÇÃO DO DESEJO**

VICTOR HUGO SILVA DOS SANTOS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA, INSTITUTO DE PSICOLOGIA, DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, COMO PARTE DOS REQUISITOS NECESSÁRIOS À OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM TEORIA PSICANALÍTICA.

ORIENTADOR: PROFESSOR DR^a AMANDIO DE JESUS GOMES

RIO DE JANEIRO – RJ – BRASIL

04/ 2021

**A CISÃO DO EU ENTRE A RENÚNCIA PULSIONAL
E A FIXAÇÃO DO DESEJO**

Victor Hugo Silva dos Santos

Orientador: Professor Doutor Amandio de Jesus Gomes

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA AO PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA, INSTITUTO DE PSICOLOGIA, DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, COMO PARTE DOS REQUISITOS NECESSÁRIOS À OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM TEORIA PSICANALÍTICA.

APROVADA POR:

Prof^o Dr^o _____
Professor Doutor Amandio de Jesus Gomes

Prof^o Dr^o _____
Professor Doutor Fabio Malcher

Prof^a Dr^a _____
Professora Doutora Claudia Henschel de Lima

RIO DE JANEIRO – RJ – BRASIL

04/ 2021

Resumo

Esta dissertação propõe-se a investigar a transformação que sofre a ideia de perversão, da psiquiatria para a obra freudiana e como tal movimento culmina no último mecanismo de defesa criado por Freud, a cisão do Eu. A ruptura da obra de Freud com a tradição não acontece de uma vez por todas, é antes um longo processo que tem a sua consumação somente em 1920. No primeiro dualismo pulsional - pulsão de autoconservação e sexual - podemos perceber uma nítida determinação teleológica na compreensão do psiquismo. Esse traço se manifesta sobretudo na metapsicologia freudiana. É nessa perspectiva que se insere a obscura transformação que coloca a sexualidade, originariamente perverso-polimorfa, à serviço da reprodução da espécie. É só com a introdução do conceito de pulsão de morte, isto é, da compulsão à repetição como fundamento último da vida psíquica, que a obra de Freud se afasta completamente de uma teleologia.

Palavras-chave: Cisão do Eu; Verleugnung; Perversão; Teleologia.

Résumé

La présente dissertation étudie la transformation qui subit l'idée de perversion de la psychiatrie vers l'œuvre freudienne et comme un tel mouvement culmine dans le dernier mécanisme de défense créé par Freud, la clivage du moi. La rupture de l'œuvre de Freud avec la tradition ne se produit pas une fois pour toutes, c'est plutôt un long processus qui n'est consommé qu'en 1920. Dans le premier dualisme pulsionnel - pulsion d'auto-préservation et de sexualité - nous pouvons nous apercevoir d'une nette détermination téléologique dans la compréhension du psychisme. Ce trait se manifeste surtout dans la métapsychologie freudienne. C'est dans cette perspective que s'inscrit l'obscur transformation qui place la sexualité, originellement perverse-polymorphe, au service de la reproduction de l'espèce. C'est seulement avec l'introduction du concept de pulsion de mort, c'est-à-dire de la contrainte à la répétition comme fondement ultime de la vie psychique, que l'œuvre de Freud s'éloigne complètement d'une téléologie.

Mot clé: Clivage du moi; Verleugnung; Perversion; Téléologie.

*It indeed appeared to Reason as if Desire was cast out, but the Devil's account is, that
the Messiah fell, and formed a heaven of what he stole from the Abyss.*

*Em verdade, pareceu à Razão que o Desejo havia sido banido mas, segundo a versão
do Demônio, sucumbiu o Messias, formando um céu com o que roubou do Abismo.*

William Blake

Sumário

Introdução	1
Capítulo 1: O Natural e o patológico	8
Introdução	8
O demônio da perversidade	10
Capítulo 2: <i>Scientia Sexualis</i>	15
Introdução	15
Sexualidades periféricas	17
Fetichismo clássico	19
<i>Psychopathia Sexualis</i>	20
O narcisismo na psiquiatria clássica	22
A sexualidade e a história individual	23
Capítulo 3: Dois modelos do princípio do prazer	26
A etiologia - entre o fator constitutivo e o traumático	26
O caráter teleológico do terceiro ensaio sobre a sexualidade	31
A unificação das pulsões parciais	36
O prazer enquanto princípio sem finalidade	40
Capítulo 4: A criança pode o que o adulto não pode	47
Introdução	47
A fuga da realidade na neurose e na psicose	49
O funcionamento não patológico	53
A criança pode o que o adulto não pode	57
A cisão do Eu	58
A cisão do Eu como funcionamento geral da vida psíquica	62
Considerações finais	65
Referências bibliográficas	68

Introdução

O presente trabalho pretende explorar uma possibilidade de leitura da obra freudiana apresentada brevemente no manuscrito inacabado *A cisão do Eu como mecanismo de defesa* (1938), com o objetivo de pensar a defesa psíquica para além do modelo patológico. No início desse escrito existe uma vaga alusão à possibilidade de que o mecanismo seja “há muito conhecido e óbvio”. Todo o problema parece circular em torno de um conceito, a recusa (*Verleugnung*)¹. Esse conceito aparece na obra de Freud pela primeira vez, em 1911, como um mecanismo próprio da psicose. No entanto, há uma considerável mudança na utilização desse mecanismo, sobretudo a partir da metade da década de 1920. Nos interessa acompanhar a transformação desse conceito, na medida em que ela parece coincidir com uma importante reformulação na teoria psicanalítica. Um movimento análogo de reconstrução do arcabouço teórico pode ser encontrado na virada de 1920. Tal reformulação da teoria das pulsões, longe de ser uma revolução inesperada dentro da obra freudiana, foi longamente cultivada. Podemos ver nos textos metapsicológicos, sobretudo em *Introdução ao narcisismo* (1914) e em *As pulsões e seus destinos* (1915), como se prefigura o conceito que só será formulado em 1920, isto é, a pulsão de morte. Um breve comentário do texto de 1915 ilustra bem tal fato. Freud diz que o primeiro dualismo pulsional é resultado direto do desenvolvimento histórico da psicanálise, isto é, do fato de a teoria psicanalítica ter primeiro se deparado com as neuroses de transferência (histeria e neurose obsessiva). Freud nos diz que “é possível que um estudo exaustivo das outras afecções neuróticas (sobretudo das psiconeuroses narcísicas: das esquizofrenias) nos exija a alteração dessa fórmula e com isso nos leve a outro agrupamento das pulsões primordiais” (1915, p. 29). Ou seja, mesmo durante

¹ Traduziremos o verbo verleugnen e o substantivo Verleugnung, respectivamente, por recusar e recusa. Desse modo, os termos em português serão utilizados exclusivamente nesse sentido técnico.

o período anterior ao segundo dualismo pulsional, já podemos notar certas indicações da necessidade de reestruturar a divisão pulsional.

Essa passagem supracitada, apesar de estar no corpo do texto, é uma digressão em relação a o que vinha sendo discutido. É dessa maneira meio lateral que Freud muitas vezes apresenta questões que serão desenvolvidas anos depois. Uma vez formulada a pulsão de morte, em 1920, não parece ser difícil de perceber algumas antecipações dessa construção em diversos momentos anteriores da obra. Talvez já estivesse presente desde o início da psicanálise. Num semelhante movimento de reconstrução, o presente trabalho pretende mostrar como a cisão do Eu já era conhecida há muito tempo na obra freudiana.

Nesse sentido, interessa-nos acompanhar um movimento que tem lugar no final da obra freudiana. No último volume da *Gesammelte Werke* de Freud (1999), em que encontra o texto base desta pesquisa, *A cisão do Eu como mecanismo de defesa* (1938), encontramos também a seguinte anotação, feita no mesmo ano: “às primeiras vivências preservem todas as variadas reações, naturalmente inclusive as contraditórias. Isso, em vez de uma decisão, que teria sucedido mais tarde. Explicação: fraqueza na síntese, retenção da característica dos processos primários” (1938, p. 205). É evidente o esforço de Freud, sobretudo nos textos finais, em circunscrever o funcionamento específico do aparelho psíquico infantil. Uma vez que, em comparação com as posteriores, este parece dispor de recursos específicos. Dessa forma, vemos, no momento final da obra de Freud, como é recorrente a discussão sobre o modo de operar do aparelho psíquico infantil, este parece dispor de recursos diferentes de um aparato desenvolvido, isto é, diferenciado nas três instâncias: Eu, Isso e Supereu. Tal problema aparece muito bem circunscrito no texto *Fetichismo* (1927): “seria permitido a uma criança aquilo que no caso do adulto seria punido com grave prejuízo” (1927, p. 320).

Essa preocupação com um tipo de funcionamento diferenciado anterior à formação do Supereu coincide com outra reformulação que parece ter recebido pouca atenção por parte da crítica, isto é, a restrição do conceito de recalque e a retomada do conceito de defesa. Tal reformulação aparece no apêndice do texto *Inibição, sintoma e medo* (1925). Dessa forma, essas duas problemáticas – um tipo diferente de funcionamento psíquico anterior à formação do Supereu e a restrição do conceito de recalque – parecem culminar no texto inacabado *A cisão do Eu como mecanismo de defesa* (1938). Acreditamos que esse problema se encaixa com a reformulação da teoria que tem lugar no texto *O Eu e o Isso* (1923), isto é, descrever os diferentes modos de afastamento da realidade.

Essa reelaboração, no entanto, não se dá de um só golpe. Os textos *Neurose e psicose* (1924) e, logo depois, *A perda da realidade na neurose e na psicose* (1924), são discussões diretas com o problema da realidade colocado no texto *O Eu e o Isso*. É como uma continuidade e uma conclusão dessa discussão que devemos ler *Fetichismo* (1927). Depois de tratar de um exemplo propriamente fetichista, Freud faz a seguinte digressão: “para mim, o esclarecimento do fetiche tem ainda um outro interesse teórico” (1927, p. 319). Ele traz, então, dois exemplos de meninos que se desvincularam de uma parte da realidade, a saber, a morte de seus queridos pais, sem, no entanto, desencadear uma psicose. É nesse sentido que o texto de 1927 deve ser considerado um texto metapsicológico, já que o que está em jogo aqui não é propriamente o fetichismo, mas o mecanismo de defesa que o possibilita, isto é, uma divisão psíquica ante a ameaça de castração. Os próprios exemplos citados - dos garotos que perderam os pais - passam longe de poderem ser considerados fetichistas. A função, nesses dois casos é, ao contrário, mostrar como tal mecanismo, a cisão do Eu, é comum na infância; como aponta Freud, “é bem possível que antes da nítida separação entre eu e isso, antes da formação de um supereu, o aparelho psíquico pratique métodos de defesa diferentes dos praticados após atingir esses níveis de organização” (1925, p. 172).

Além dessa reelaboração teórica dizendo respeito aos mecanismos de defesa, nos interessa acompanhar o modo com a perversão aparece na obra freudiana. O modo como Freud utiliza o conceito de perversão é desde o início de sua obra distinto da tradição clássica. No texto *Os três ensaios*, por exemplo, podemos encontrar dois aspectos da perversão muito distintos da conceituação clássica. Por um lado, as moções perversas se manifestam também nos neuróticos, só que inconscientemente, por outro, a sexualidade infantil é originalmente perverso-polimorfa. A elaboração freudiana é, assim, muito distinta da concepção da psiquiatria clássica que caracteriza a perversão como um desvio da natureza sexual, isto é, da meta de reprodução.

No entanto, a problemática sobre as perversões, tal como toda a teoria, pode ser vista a partir de uma nova luz após a introdução do conceito de pulsão de morte. Dessa forma, após a instauração da chamada segunda tópica, há uma considerável mudança na concepção freudiana sobre a sexualidade infantil e, por conseguinte, no conceito de perversão. Podemos notar ainda o modo como as perversões, da psiquiatria clássica, reaparecem na obra de Freud. Há um abismo entre o narcisismo como aqueles que tem a si mesmo como objeto de fetiche (BINET, 1887) e o narcisismo enquanto um estágio regular da vida psíquica, tal como

apresentado pela primeira vez em *Introdução ao narcisismo* (1914). Dessa forma, é preciso muito cuidado ao aproximar os conceitos freudianos com a psiquiatria clássica, pois é necessário ter em mente que os termos são exatamente os mesmos, entretanto, os significados diferem profundamente. Acompanhar a revolução freudiana é, portanto, acompanhar a mudança do significado por debaixo dos mesmos termos.

A literatura psicanalítica frequentemente coloca a perversão ao lado da neurose e da psicose como uma das três grandes categorias nas quais se organiza a vida psíquica. Essa divisão é bastante difundida, como podemos ver em umas das mais importantes editoras francesas, a P.U.F (Presses universitaires de France) numa tradução coordenada por J. Laplanche, intitulada *Névrose, psychose et perversion* (1973). Na introdução deste volume encontramos o seguinte comentário de Laplanche: “Définition, délimitation, description des *modes de défense* spécifiques des névroses, des psychoses et des perversions, c'est la tâche centrale que se propose Freud tout au long de l'élaboration de sa psychopathologie” (1973, p. 6). Essa classificação, no entanto, parece dizer respeito mais a uma nosologia clássica do que propriamente à freudiana.

A literatura psicanalítica, de uma maneira geral, compreende a recusa como mecanismo específico das perversões e da psicose. No importante trabalho de Patrick Valas, *Freud e a perversão* (1994), por exemplo, encontramos igualmente a recusa, “como mecanismo específico e como denominador comum de todas as formas de perversão” (p. 47). Para mostrar que essa talvez não seja a leitura mais interessante do conceito de recusa, precisamos delimitar de forma precisa o conceito de perversão na obra de Freud. Nesse sentido, apresentaremos o conceito de perversão na psiquiatria clássica, para em seguida, acompanhar a construção freudiana da perversão.

No nosso entender há um problema em circunscrever o conceito de recusa às perversões. Tal delimitação parece se opor frontalmente ao objetivo que aparece nos textos finais da obra de Freud, mostrar que o mecanismo da recusa é comum na infância, mais precisamente, antes do “surgimento” do supereu. “[...] o processo que eu gostaria de chamar de recusa (*Verleugnung*), que não parece ser nem raro nem muito perigoso na vida anímica da criança, mas que no adulto, poderia iniciar uma psicose” (1925, p. 265). Parece-nos, nesse sentido, que o fetichismo tem um papel análogo ao que a histeria teve no início da obra freudiana, qual seja, evidenciar o funcionamento geral do psiquismo. No caso da histeria, o mecanismo que pôde ser recortado foi o recalque, no fetichismo, a recusa (*Verleugnung*).

Para chegar ao problema do fetichismo na obra freudiana, no entanto, é preciso passar primeiro pela construção da psiquiatria clássica. O modo como as perversões, que surgem nessa tradição, reaparecem na obra freudiana é radicalmente diferente da visão psiquiátrica. Entretanto, parece haver uma insistência, por parte da tradição crítica, em ler a obra de Freud como se a construção fosse a mesma. Nesse sentido, podemos contrapor a concepção freudiana com a da psiquiatria clássica. Cabe destacar, antes de tudo, que o que aparece na tradição da psiquiatria clássica como perversão, em Freud, é chamada estritamente de perversão positiva (*positiv Perversen*). As neuroses, por sua vez, são o negativo da perversão como aponta Freud:

eu caracterizei as neuroses como sendo o “negativo” das perversões, porque nelas, após o recalçamento, as moções perversas se manifestam a partir do que é inconsciente na vida anímica, pois elas contêm, no estado “recalcado”, as mesmas inclinações que os positivamente perversos (1908, p. 78).

Desse modo, já de partida se coloca uma distinção fundamental. A perversão não é somente uma categoria clínica, ela é, antes de tudo, uma tendência fundamental do funcionamento psíquico a qual mesmo a neurose se vê remetida. Para entender a função do conceito de recusa na obra freudiana, é de crucial importância não confundir essa perversão fundamental e a perversão positiva. Separação esta que a literatura psicanalítica não parece levar em conta. Assim, antes de chegar ao nosso objetivo, o modo como a recusa aparece na cisão do eu, precisamos acompanhar como a perversão aparece na psiquiatria clássica, para em seguida, nos determos na construção freudiana.

Em certo momento, olhando a partir do que o Freud chama de as três grandes feridas narcísicas: cosmológica, biológica e a psicológica; parece que a obra de Freud pode ser lida como a consumação de um dos traços característicos de grande parte do pensamento moderno. A saber, a exclusão da causalidade final quando da explicação do que ocorre na natureza. Esse aspecto é evidente tanto na revolução copernicana, quanto na teoria da evolução de Darwin. Além disso, parece, sobretudo, ser este mesmo aspecto que está em jogo na discussão de Freud com a psiquiatria clássica. Por um lado, Freud precisa defender que a sexualidade não está a serviço da reprodução e, por outro, esvaziar o lugar da hereditariedade como causa do adoecimento psíquico. Então, para circunscrever melhor a relação de Freud com a psiquiatria clássica, nos valeremos desse princípio, a causalidade final.

Freud não se desliga “de um só golpe” da psiquiatria clássica, o esvaziamento da causalidade final se dá em rupturas, em diferentes momentos da obra. “Os três ensaios para

uma teoria da sexualidade” (1905) é um texto paradigmático nesse sentido. O texto é, sem dúvida, um importante marco dos trabalhos de Freud e estudos da sexualidade de uma maneira geral. O fato de Freud ter revisitado e acrescentado comentários ao manuscrito até 1925 evidencia essa importância para o próprio autor. Essa necessidade de revisão, que fez com que o ensaio só chegasse a sua forma definitiva duas décadas depois de sua publicação, além de marcar a sua evidente relevância, aponta, também, para a sua obsolescência.

Nesse sentido, este ensaio não representa, de modo algum, a palavra final de Freud sobre a sexualidade infantil, ou mesmo sobre as fases do desenvolvimento. Em 1923, no mesmo momento em que *O Eu e o Isso* é publicado, um pequeno ensaio *Organização sexual infantil - Uma interpolação na teoria da sexualidade* (1923) também é publicado. Neste texto, encontramos um comentário sobre as alterações pelas quais “os três ensaios” passou, a saber “pode ter acontecido muitas vezes que o novo e o mais recente não puderam ser fundidos em uma unidade isenta de contradições” (1923, p. 237).

A contradição que nos interessa aqui é a seguinte: Por um lado, neste texto é apresentada a sexualidade como sendo originalmente sem nenhuma finalidade, isto é, perverso-polimorfa, e, por outro, para explicar a passagem do autoerotismo para a genitalidade Freud recorre a uma determinação natural. Ou seja, o terceiro ensaio reintroduz a ideia de uma causalidade final que os dois primeiros ensaios haviam se esforçado para afastar, a ver:

Na realidade, porém, esse desenvolvimento é organicamente condicionado, fixado hereditariamente, e pode se produzir, às vezes, sem qualquer auxílio da educação. Esta permanece inteiramente no domínio que lhe foi assinalado, quando se limita a seguir o que foi organicamente traçado, dando-lhe uma marca um tanto mais limpa e mais profunda (1905, p. 80)

É essa determinação orgânica o maior problema do livro *Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade* (1905). A obra de Freud, a partir da década de 1920, pode ser lida com uma crítica e uma revisão desse traço de determinação natural presente nos três ensaios. Podemos visualizar, no nosso entender, essa ruptura no que aparece em Freud como ameaça de castração e no conceito de recusa; é por essa construção que podemos compreender a inscrição do autoerotismo na genitalidade por uma via cultural e não mais natural. É por esse viés que nos debruçaremos na obra de Freud desse período final, sobretudo com os textos *O fetichismo* (1927) e *A cisão do Eu como mecanismo de defesa* (1938)

Só a partir da segunda tópica, parece-nos, podemos entender o caráter perverso-polimorfo da sexualidade em toda a sua potência. Se a transição do autoerotismo para a genitalidade, tal como na passagem supracitada, se dá segundo um destino natural, organicamente determinado, algo da inquietude da perversão se perde, se domestica. Por outro lado, se a circunscrição se dá por uma via simbólica, isto é, cultural, toda a perturbação do caráter perverso-polimorfo se mantém. Uma vez que essa unificação, por sua vez, não significa uma eliminação da tendência primordialmente perverso-polimorfa. Ou, nas palavras do Michel de Certeau, há uma ‘inquietante familiaridade’ desse passado que o ocupante atual rechaçou (ou acredita ter rechaçado) para apropriar-se de seu lugar. O morto assombra o vivo; ele re-morde (mordida secreta e repetida)” (1978, p.71). Isto é, esse fundo perverso insiste em não se submeter inteiramente.

Capítulo 1

O Natural e o patológico

“A imagem do caos é a imagem de uma regularidade negada, assim como a imagem da idade de ouro é a de uma regularidade selvagem. Caos e idade de ouro são os termos míticos da regulação normativa fundamental, termos em relação tal que nenhum dos dois pode deixar de se transformar no outro.” (CANGUILHEM, 1963. p 215)

I.1. Introdução

Para entender essa inovação que a perversão como negativo da neurose representa, precisamos, antes, percorrer a psiquiatria clássica. Nosso trabalho não pretende ser um estudo exaustivo sobre o conceito de perversão na psiquiatria clássica, nosso interesse consiste, sobretudo, na transformação que sofre a ideia de perversão para a psiquiatria clássica no final do século XIX. Até aquele momento a perversão caracterizava os desvios da natureza humana em geral, no final do século, no entanto, o conceito passa a designar necessariamente os desvios de natureza sexual.

O ponto que reunia a longa lista das perversões e de praticamente todos os problemas mentais era o fato deles desviarem da natureza. Patológico é tudo aquilo que não cumpre a sua finalidade natural. É sobre esse obscuro conceito de natureza humana, ainda que nem sempre anunciado claramente, que a psicopatologia do século XIX, de modo geral, pretendeu compreender o homem teleologicamente. De certa forma, a obra de Freud se inscreve contra esse modelo que compreende o homem como estando submetido a uma causalidade final. Nesse sentido, passaremos por alguns influentes autores do século XIX para poder situar melhor o problema levantado em Freud. Nosso fio condutor será, portanto, a ideia de natureza e seus desvios.

Segundo Patrick Valas, em seu texto de 1986, foi a partir da obra do fisiologista francês Georges Cabanis que se começou a atribuir à sexualidade um valor central na compreensão do humano, “vetor da reprodução da espécie, o essencial da determinação de toda a esfera de relações interpessoais que são a sua expressão psicológica” (1986, p.6). No

entanto, parece que essa oposição “entre instinto de reprodução e instinto de conservação” (VALAS, 1986, p. 6) é mais antiga. Já na obra de Immanuel Kant podemos encontrar essa ideia. No texto *O começo conjectural da história humana* (1786), temos a seguinte passagem: “após o instinto [Instinct] de nutrir-se, por meio do qual a natureza conserva a cada indivíduo, o mais importante é o instinto sexual [Instinct], graças ao qual se vê conservada a espécie” (1786, p. 19). O artigo de Kant foi publicado em 1786, enquanto as obras de Cabanis só surgiram no início do século XIX. Não interessa-nos aqui remontar exaustivamente as origens da ideia de instinto na modernidade, mas apenas pontuar que no início do século XIX já era um conceito bastante difundido e influente tanto na filosofia quanto na medicina, tanto na Alemanha quanto na França.

O primeiro dualismo pulsional da teoria freudiana, pulsão de autoconservação e pulsões sexuais, parece, de algum modo, influenciado por essa tradição. É a partir desse princípio teleológico de conservação da espécie que podemos entender a última fase da organização sexual, isto é, o “estabelecimento desse primado [genitalidade] a serviço da reprodução” (1905, p. 110). Quanto à pulsão de autoconservação, o seu caráter finalista é mais denunciado pelo próprio nome. Destacamos esses traços teleológicos do primeiro dualismo pulsional somente com o intuito de melhor apreciar o caráter revolucionário da pulsão de morte. A partir desse conceito podemos dizer que a obra de Freud se desloca inteiramente de qualquer aspecto finalista. Nesse sentido, o segundo dualismo pulsional não está inserido na concepção teleológica.

I.2 O demônio da perversidade

Podemos acompanhar brevemente como a ideia de instinto esteve presente como modelo explicativo da natureza humana no XIX, na medida em que o instinto era a norma desde de onde se considerava a perversão como um desvio. Não precisamos demonstrar que essa discussão se funda sobre um estranho vínculo entre a psiquiatria emergente e um discurso moral. Esta relação é mais do que anunciada. Um simples olhar pelos títulos já confirma isso, como *Le Traitement Moral de la Folie* de François Leuret (1840) ou *Rapports du Physique et du Moral de l'Homme* de Georges Cabanis. Talvez a psiquiatria do XIX só tenha ouvido o apelo de Karl Philipp Moritz um século antes: “Ah, se houvesse médicos moralistas verdadeiros que, assim como os médicos físicos, se ocupassem mais com o

indivíduo, e realizassem relatórios públicos das suas espécies de tratamento, com vistas ao melhor de todos!” (BUCHENAU, 2019, p. 38). Enfim, nosso ponto aqui é que esse discurso médico moralista e a sua ideia de natureza humana torna-se, num certo sentido, incompatível com o pensamento moderno. Para caracterizar melhor essa incompatibilidade, podemos recorrer brevemente a um conto que circunscreve de forma lapidar o problema. O conto em questão é *O demônio da perversidade* de Edgar Allan Poe.

Não se pode negar que a frenologia e boa parte de todas as ciências metafísicas tenham sido planejadas *a priori*. O intelectual ou homem lógico, ainda mais que o homem compreensivo ou observador, se põe a imaginar projetos, a ditar objetivos a Deus. Tendo assim sondado, a seu bel-prazer, as intenções de Jeová, edifica, de acordo com essas intenções, seus inumeráveis sistemas de pensamento. Na questão da frenologia, por exemplo, primeiro determinamos, o que é bastante natural, que fazia parte dos desígnios da Divindade que o homem comesse. Então atribuímos ao homem um órgão de alimentação e este órgão é o chicote com que a Divindade compele o homem a comer, quer queira, quer não. Em segundo lugar, tendo estabelecido que foi vontade de Deus que o homem continuasse a espécie, descobrimos imediatamente um órgão de amatividade (1845, p. 206).

Da crítica de Poe podemos recolher o seguinte ponto: a frenologia explica a natureza humana teleologicamente, isto é, impõe propósitos a Deus. E, por isso mesmo, se fundamenta sem recorrer à experiência. Por isso, qualquer desvio desses propósitos ditados à divindade é uma aberração, antinatural. Tal crítica, parece-nos, não é validade somente para a frenologia, mas para toda a psiquiatria, uma vez que toda ela se funda sobre o pressuposto, a saber, a natureza humana. O que torna o conto de Poe extremamente interessante é o fato dele expor esse não confessado fundamento teológico da psiquiatria. O conto foi publicado em 1845, doze anos depois Augustin Morel publica seu *“Traité des Dégénérescences”* (Tratado das Degenerescências). O conto de Poe antecipa a teoria de Morel em importantes pontos. A genialidade de Poe foi, talvez, tornar claro esse plano de fundo teológico da psiquiatria. A contribuição de Morel, por sua vez, foi assumir esse fundamento. Podemos acompanhar os comentários do importante trabalho de Paul Bercherie (1989), *Os fundamentos da clínica-história e estrutura do saber psiquiátrico*, a esse respeito,

Morel "colocou prontamente sua concepção sob a égide do Gênesis" bíblico: "o homem foi criado segundo um tipo primitivo perfeito". Qualquer desvio desse tipo era uma degradação, uma degenerescência; a possibilidade dessa degradação era oferecida pela ação que exerciam no homem as circunstâncias externas nocivas e,

em última instância, pelo pecado original, que o havia submetido às vicissitudes de suas relações com o mundo (1989, p. 109)

A obra de Morel é um marco para a psiquiatria clássica, com ela tem início um novo sistema nosológico. A classificação da alienação caracterizava os “alienados segundo os distúrbios ou as lesões das faculdades intelectuais ou afetivas” (1989, p. 107). A novidade da classificação de Morel é a organização dos alienados segundo a etiologia dos males. Um mesmo mal gera efeitos patológicos similares nos indivíduos afetados. Assim, as "infrações à lei moral e a ausência de cultura intelectual" (MOREL, 1857 p.13, apud OLIVEIRA) teriam efeito degenerativo no homem, tal como a degeneração dos tecidos de animais causada por agentes intoxicantes.

Mas a hereditariedade [na obra de Morel] não era entendida como um desígnio exclusivo da natureza; antes, sua teoria se encontra ancorada na premissa de que o problema se encontrava justamente na "degradação moral", que acabava por ocasionar a transmissão de certos traços patogênicos à descendência. A despeito dos fatores ambientais considerados, o cerne de sua tese é de que o homem é um ser degradado por sua própria responsabilidade; foi transgredindo a lei moral que a degenerescência se impôs. Aí ele diverge do raciocínio dos naturalistas, conservando, no entanto, os elementos desses que permitem ratificar a existência da degeneração (OLIVEIRA, 2016).

É a partir da ideia da degeneração do tipo ideal que devemos entender a seleção natural de Morel. Não é um aperfeiçoamento nem uma adaptação que está em jogo, é antes a conservação do modelo primitivo tal como “saíram brilhantes das mãos do criador, ou na luz sem sombra da primeira manhã” (FOUCAULT, 1971, p. 61). A degeneração, assim, é um recurso da natureza para eliminar os desvios.

À medida que o germe patológico vai-se transmitindo, seus efeitos se agravam e os descendentes vão descendo os degraus da decadência física e moral até "a esterilidade..., a imbecilidade, a idiotia e, finalmente, a degenerescência cretina (Traité des Maladies Mentales, p. 515); ao término do percurso, a linhagem afetada se extinguiria por si só, por uma espécie de eliminação natural (BERCHERIE, 1989, p. 110).

Morel é, sem dúvida, uma exceção no movimento da psiquiatria, pois traz expressamente o fundo religioso de sua tese. No entanto, a tese de Morel se encontra laicizada em diversos autores. É nesse sentido que apresentamos aqui brevemente a tese de

Morel e conto de Allan Poe, esses dois autores expõem esse fundo nem sempre confessado de uma metafísica cristã que está como fundamental da teoria da degenerescência da psiquiatria clássica. É como um desvio de um tipo ideal que se deveria entender todo tipo de patologia. A sagacidade de Allan Poe não está somente no reconhecimento desse fundamento teológico implícito da frenologia, há ainda em seu breve conto um problema extremamente interessante. O escritor americano atribui a perversidade aos efeitos de uma influência demoníaca. Em contra partida a posição da frenologia que, *a priori*, imagina e depois dita objetivos a Deus. Poe propõe que uma investigação *a posteriori* nos mostraria facilmente esse motivo não motivado.

A indução a posteriori teria levado a frenologia a admitir, como um princípio inato e primitivo da ação humana, algo de paradoxal que podemos chamar de perversidade, na falta de termo mais característico. No sentido que deu é, de fato, um *mobile* sem motivo, um motivo não *motivirt*. Sob sua influência agimos sem objetivo compreensível, ou, se isso for entendido como uma contradição nos termos, podemos modificar a tal ponto a proposição que digamos que sob sua influência nós agimos pelo motivo de não devermos agir. (1845, p. 206).

Podemos ver claramente no conto dois problemas que caracterizam grande parte do pensamento moderno. A exclusão da causalidade final como explicação do que se passa na natureza e, também, a necessidade de algum recurso a experiência para qualquer formulação que tenha alguma pretensão de validade. A psiquiatria parece não cumprir nenhum desses critérios. Podemos ver isso claramente na ideia de perversão, esta aparece muitas vezes mais como um juízo de valor do que propriamente como uma definição. Equiparando a perversão da psiquiatria clássica e o conto de Poe, pode-se visualizar ainda interessantes pontos. Para esta última, a perversão é resultado de uma degenerescência, isto é, uma queda em relação à natureza. Como diz Bercherie (1986), "a ideia mais clara que podemos fazer da degenerescência da espécie humana consiste em representá-la para nós como um desvio maléfico de um tipo primitivo" (p.109). Encontramos em Poe também o elemento demoníaco, no entanto, este não é um desvio de alguma finalidade predeterminada. A perversidade é a marca de que não há nenhuma natureza, "no caso daquilo que denominei de perversidade, não somente o desejo de bem-estar não é excitado, mas existe um forte sentimento antagônico" (POE, 1845, p.208). Isto é, a ação humana em última instância não é movida por nenhum instinto de autoconservação, não é um bem próprio que está em jogo, mas sim "essa tendência de praticar o mal pelo mal" (POE, 1845, p. 208).

A perversidade é, pois, um “impulso primitivo-elementar” (*A primitive impulse-elementary*) da ação humana. Há no conto uma virada decisiva com relação a psiquiatria: a perversidade é um desvio da norma social, não dos desígnios da natureza. Dessa comparação entre Poe e Morel, toca ainda em um outro ponto central para a psicanálise, a divisão entre as “ciências” e as “letras”. Separação que, como bem aponta Michel De Certeau, foi institucionalizada pela formação universitária no século XIX. “Ela finca seu fundamento na fronteira que as ciências positivas haviam estabelecido entre o “objetivo” e o imaginário, ou seja, entre o que elas controlam e o “resto”.” (1981, p. 91)

O grande passo da psicanálise foi dar um lugar a isso que a ciência deixava de fora, ou seja, a vida afetiva, um lugar dentro do próprio discurso científico. Por isso a obra freudiana representa uma espécie de perturbação, na medida em que ela recolhe os demônios que deveriam permanecer somente na imaginação dos escritores ou nas manifestações destituídas de sentido, como o sonho. Esse confronto com a objetividade, longe de ser um traço ocasional da obra de Freud, é traço corrente. O próprio título da obra ‘inaugural’ da psicanálise manifesta isso. *Traumdeutung* [Interpretação dos sonhos], como bem assinala Bruno Bettelheim (1982), tem uma estreita relação com *Sterndeutung* [astrologia]. Podemos perceber um claro tom de confronto com a tradição instituída, nesse título de apenas uma palavra, muito mais próxima de antiquíssimas superstições populares do que do discurso científico.

Ao dar voz às paixões, que a ciência deixou de fora, Freud traduz esse resto para o discurso científico. Não basta apenas recuperar as paixões, que a visão de mundo positivista exclui do universo científico, é preciso traduzir as paixões para um economia energética. Não basta dizer que o sonho realiza um desejo de forma velada, até esse ponto talvez a superstição já tenha chegado, é preciso explicar minuciosamente os mecanismos que operam no trabalho dos sonhos. Nesse sentido, a radicalidade de Freud não foi apenas mostrar que havia um sentido nos sonhos, mas inscrever esse sentido numa linguagem científica. Do mesmo modo, todo o ar moralizante com o qual a psiquiatria clássica classificava e tentava corrigir os desviantes, desaparece em Freud, “a psiquiatria dá nomes às diversas obsessões, e nada mais diz a seu respeito. Por outro lado, enfatiza que os portadores de tais sintomas são “degenerados”. Isso não satisfaz; é, na verdade, um juízo de valor, uma condenação, em vez de explicação” (1917, n. p). No lugar em que a psiquiatria encontrava um desvio de uma natureza, Freud via um desvio a “moral sexual civilizada”. É a partir dessa mudança

fundamental que Freud pode recorrer, em diversos momentos de sua obra, a toda a tradição anterior sem, no entanto, se confundir com ela. Nesse sentido, tentaremos acompanhar a revolução freudiana a partir da ideia de perversão. Tentando demonstrar como os conceitos da psiquiatria clássica aparecem na obra freudiana e, sobretudo, como eles assumem uma função inteiramente outra.

Nesse sentido, a causalidade final pode ser tomada como um parâmetro de comparação. A psiquiatria clássica é toda ela erigida sobre a ideia de que a natureza humana segue determinados caminhos previamente determinados. Parece impossível entender o conceito de perversão da psiquiatria clássica sem a pressuposição de que a reprodução é o destino natural da sexualidade humana. A obra de Freud, por sua vez, pode ser vista como uma consumação de um dos traços que caracteriza grande parte do pensamento moderno, a exclusão da causalidade final enquanto explicação do que ocorre na natureza. Esse traço, no entanto, não significa que Freud caia numa explicação mecanicista do mundo, nem tampouco, que esses problemas da vida psíquica, uma vez transferidos da esfera natural para a cultural, resolvam-se magicamente. Se a sexualidade não expressa nenhuma finalidade natural, os desvios, tampouco, são frutos de uma bestialidade ainda não civilizada, nem de casualidade cega. A norma vigente e os desvios são efeitos de um mesmo processo. Nesse sentido, o problema não está somente em explicar os desvios, mas sobretudo em explicar a “normalidade”. O normal não é um dado natural, nem a cultura uma segunda natureza. Sobre esse conflito entre a vida pulsional e a civilização, o escritor americano ainda pode nos auxiliar. Poe, parece circunscrever muito bem o conflito que se opera no interior da nossa natureza indomável: “trememos à violência do conflito que se trava dentro de nós, entre o definido e o indefinido, entre a substância e a sombra.” (1845, p. 208).

Capítulo 2

Scientia Sexualis

“De maneira mais geral, qualquer ordem autônoma constitui-se graças ao que ela elimina, produzindo um “resto” condenado ao esquecimento; no entanto, o excluído insinua-se, de novo, neste lugar “limpo”, instala-se aí, suscita a inquietação, torna ilusória a consciência segundo a qual o presente julga estar em “sua casa”, fixa aí o seu esconderijo; e esse “selvagem”, esse “ob-sceno”, esse “lixo”, essa “resistência” da “superstição” vai inscrever aí - à revelia do proprietário (o eu) ou contra ele - a lei do outro.”
(DE CERTEAU, 1978, p. 71)

II. Introdução

Cabe sublinhar uma mudança considerável no uso do termo perversão. Se durante o XIX este caracterizava os desvios da natureza humana em geral, tal como nos exemplos de Morel e Poe, no final do século, passa a designar necessariamente os desvios de natureza sexual (Valas). Que o duplo maligno da norma, isto é, a perversão, passe a designar estritamente os desvios de ordem sexual, marca que a sexualidade ganhou o lugar privilegiado na compreensão do humano. Para acompanhar essa transformação, podemos recorrer ao livro de Michel Foucault (1976), "A história da sexualidade, a vontade de saber". O livro começa com uma descrição do que ele chama de "hipótese repressiva", a ideia de que, com a era moderna, começa um período de repressão sexual nunca antes visto. Para Foucault, ao contrário, nunca antes se estudou tão obsessivamente a sexualidade, os cuidados com a sexualidade deixaram de ser uma preocupação religiosa e se estenderam para outros campos da sociedade.

Então, como escreve Foucault “entre o Estado e o indivíduo o sexo tornou-se objeto de disputa, e disputa pública; toda uma teia de discursos, de saberes, de análise e de injunções o investiram” (1976, p. 30). Se houve algum silêncio sobre a sexualidade este se deu somente em relação ao “casal legítimo, com sua sexualidade regular” (p. 42). Este era o ponto

normatizador da sociedade burguesa, o esquadro a partir do qual qualquer desvio é condenado. De uma maneira geral, os desvios da sexualidade deixam de dizer respeito exclusivamente ao âmbito religioso e passam, sobretudo, ao domínio do saber médico. Tem início, então, uma “caça às sexualidades periféricas” (p. 47). Assim surge na Europa do século XIX, o que Foucault chama de *Scientia Sexualis*. A psicanálise, para Foucault, seria herdeira dessa tradição.

A importância histórica de Freud vem, sem dúvida, da impureza mesma de seus conceitos: foi no interior do sistema freudiano que se produziu essa reviravolta da psicologia; foi no decorrer da reflexão freudiana que a análise causal transformou-se em gênese das significações, que a evolução cede lugar à história, e que o apelo à natureza é substituído pela exigência de analisar o meio cultural (1957, p. 141)

Freud é, sem dúvida, filho bastardo das *Scientia Sexualis*. Os conceitos freudianos são impuros na medida em que a psicanálise praticamente não introduz conceitos novos, quase toda a nomenclatura psicanalítica é a mesma dessa tradição. O uso dos mesmos termos, porém, não quer dizer que eles tenham os mesmos sentidos. É interessante acompanhar a resignificação que os conceitos tomam na obra psicanalítica. A cisão da consciência presente nas manifestações histéricas, por exemplo, que para Janet é o resultado de uma inaptidão* inata, efeito da degeneração, em Freud tal cisão é ocasionada por um conflito psíquico, que tem lugar na história individual. Tal como a neuroplasticidade atualmente, a degenerescência era o grande trunfo explicativo daquele momento, qualquer manifestação que não poderia ser explicada era efeito da degeneração.

Cabe ressaltar que, apesar do distanciamento fundamental que mantém a tradição, Freud tirou muito proveito do aparato taxonômico e descritivos das *Scientia Sexualis*. Com a ressalva de que os desvios são de ordem social e não natural, a psicanálise pode se valer de alguma parte do longo bestiário dessa tradição. Uma vez que, como lembra Foucault

O crescimento das perversões não é um tema moralizador que acaso tenha obcecado os espíritos escrupulosos dos vitorianos. É o produto real da interferência de um tipo de poder sobre os corpos e seus prazeres. Talvez o Ocidente não tenha sido capaz de inventar novos prazeres e, sem dúvida, não descobriu vícios inéditos, mas definiu novas regras no jogo dos poderes e dos prazeres: nele se configurou a fisionomia rígida das perversões (1976, p. 53)

II. 2. Sexualidades periféricas

As perversões não são realidades atemporais para os escrupulosos vitorianos teriam voltado seu pudor. Seria um erro supor as perversões como realidades prévias a interferência do poder sobre os corpos e prazeres. Assim, Foucault, pode dar conta dessa aparente contradição presente nos estudos sobre o século XIX: “todos os historiadores colocaram a questão de saber se o século XIX havia contribuído para uma erotização das práticas sexuais ou se, ao contrário, beneficiara sua repressão.” (ROUDINESCO, 2009, l. 1175) Com efeito, Foucault recorta muito bem como a produção do pudor e das perversões são o mesmo processo. Não é difícil perceber, depois de Freud, evidentemente, que a natureza ideal a partir da qual se compreende os desvios é o casal heterossexual com a sexualidade circunscrita restritamente à genialidade, isto é, a serviço da reprodução da espécie. Não deixa de ser curioso perceber um discurso claramente religioso travestido com roupagem científica. Nesse sentido, a obra de Morel permanece como uma construção rara, ela assume abertamente que o seu fundamento está assentado sobre a metafísica cristã.

O epicentro, então, a partir do qual todo desvio é considerado uma aberração era “o casal legítimo, com sua sexualidade regular”. Este era o ponto normatizador da sociedade burguesa, o esquadro a partir do qual qualquer desvio é condenado.

Em compensação o que se interroga é a sexualidade das crianças, a dos loucos e dos criminosos; é o prazer dos que não amam o outro sexo; os devaneios, as obsessões, as pequenas manias ou as grandes raivas. Todas estas figuras, outrora apenas entrevistas, têm agora de avançar para tomar a palavra e fazer a difícil confissão daquilo que são. Sem dúvida não são menos condenadas. Mas são escutadas; e se novamente for interrogada, a sexualidade regular o será a partir dessas sexualidades periféricas, através de um movimento de refluxo (1976, p. 43)

De uma maneira geral, os desvios da sexualidade padrão deixam de dizer respeito exclusivamente ao âmbito religioso e passam para o médico, é até mesmo jurídica. Durante muito tempo, como exemplo, a homossexualidade foi considerada um crime.

Nesse sentido, cabe apontar ainda, outra importante transformação no discurso psiquiátrico, mudança que tem lugar a partir da segunda afronta ao narcisismo humano, a teoria da evolução de Darwin. A partir da leitura que Valentin Magnan faz da teoria da degenerescência de Morel se opera uma virada extremamente influente no discurso psiquiátrico. O degenerado deixa de ser aquele que desvia da natureza primordial criada por deus, e passa a ser entendido como desviante do caminho natural do desenvolvimento rumo

ao aprimoramento da espécie. De maneira análoga a seleção natural será compreendida como a eliminação dos inaptos. O movimento, no entanto, não se resume a uma mudança do ideal enquanto ponto de partida para o ideal como o ponto de chegada. A teoria de Mangan foi extremamente influente, muito mais que Morel. A influência da teoria de Darwin não se deu apenas nas ciências positivas, ele teve grande impacto nas ciências humanas de um modo geral. A clássica divisão de Descartes entre extensão e pensamento, que posteriormente é assumida por Kant, enquanto reino da necessidade e reino da liberdade, é deixada de lado em nome de um modelo unilateral. É na teoria da evolução de Darwin que tal concepção mecanicista da natureza e do homem ganha sua força máxima. Já que a humanidade não é nada mais que um produto de uma evolução histórica, que tem como ponto de partida a matéria inanimada. Nesse caso, não é necessário recorrer a nada além da simples matéria e suas relações necessárias para explicação dos acontecimentos humanos. Nesse sentido, as ciências humanas se alinham às “ciências da natureza [com o objetivo de] encontrar no homem o prolongamento das leis que regem os fenômenos naturais” (1957, p. 133)

A obra Freudiana é uma ruptura com essa tradição, Freud não compactua com a redução do psíquico a pura causalidade mecânica. Não é sem propósito que Freud, ao designar o tema central da psicanálise, utiliza o termo exorcizado pelo modelo científico vigente, alma (Seele). É justamente nos distúrbios mentais, que sempre foram um problema para as ciências fundamentadas na tradição mecanicista, que o autor formula um novo modelo de ciência. Se os sonhos, por exemplo, para a fisiologia, nada mais eram do que manifestações de descargas elétricas aleatórias, Freud vê no sonho a articulação de um desejo.

Além disso, é a partir dessa recepção da teoria de Darwin por parte da psiquiatria que o discurso eugenista ganha força em diversas partes do mundo. Assim, a concepção de que a história tem uma direção, um *télos*, ganha uma nova roupagem. A história agora não é somente o caminho de aperfeiçoamento do espírito, tal como formula Hegel, agora o corpo também se aprimora historicamente. A tese expressa por Hegel de que o caminho da história, tal como o sol, parte do oriente para o ocidente, é entendida agora num outro sentido. Os povos não europeus representam um nível de evolução inferior, por isso são menos civilizados do que os europeus. Nesse sentido, a miscigenação é um perigo para a Europa, na medida em que a prole proveniente dessa união nascerá menos evoluída, isto é, menos civilizada.

Diga-se de passagem, que Freud nunca compartilhou dessa ideia de que a história da humanidade caminha rumo ao progresso. O que as sociedades europeias têm de superior, podemos dizer, é o mal estar. Mesmo quando Freud, em *Totem e tabu* (1913), recorre aos clássicos da antropologia inglesa, Tylor, Morgan e sobretudo James Frazer, todos eles com o viés fortemente evolucionista. Freud, pretendeu destacar que no seio das próprias sociedades europeias estava presente também, isso que se pretendia encontrar somente nos selvagens. Na medida em que o fetichismo é um dos conceitos privilegiados da nossa pesquisa, nos deteremos na utilização desse conceito por parte da psiquiatria clássica antes de chegar na discussão freudiana. É interessante ainda notar que a imagem de Narciso aparece pela primeira vez na psiquiatria, na obra de Binet, como um tipo de fetichismo.

II. 3. Fetichismo clássico

Como a contraposição de Marx evidencia, o termo tem sua origem na ideia de superioridade europeia, é assim que o termo é utilizado na obra de Auguste Comte e Charles De Brosses. Nesse sentido, convém partirmos da excelente definição de Binet, que além de muito precisa, tem a vantagem de recortar essa origem histórica do conceito. O termo aparece no clássico livro de Binet *Le fétichisme dans l'amour* [Fetichismo no amor] (1887), essa obra, como o próprio indica no princípio do livro, é um comentário às observações de Charcot e Magnan acerca do fetichismo.

O fetichismo religioso consiste na adoração de um objeto material, o qual o fetichista atribui um poder misterioso: é isso que indica a etimologia da palavra fetiche: ela deriva do português fetisso, que significa coisa encantada, *chose fée*, como se diz no velho francês; fetisso provém ele mesmo de *fatum*, destino² (1887, p. 2, tradução nossa)

Voltaremos a esse aspecto mágico do fetiche, que o tem poder capturar o desejo, na abordagem freudiana do fetiche. O fetiche, no seu nível patológico, segundo a definição de Binet, é o objeto sem o qual a satisfação sexual se torna impossível. Binet reconhece que a hereditariedade fornece a condição constitucional para essa perversão, porém as suas formas características devem ser buscadas na história individual. O fato de um homem adorar um

² No original: “Le fétichisme religieux consiste dans l’adoration d’un objet matériel auquel le fétichiste attribue un pouvoir mystérieux: c’est ce qu’indique l’étymologie du mot fétiche: il dérive du portugais fetisso, qui signifie chose enchantée, chose fée, comme l’on disait en vieux français; fetisso provient lui-même de *fatum*, destin” (BINET, 1887, p. 2)

determinado objeto não pode ser explicado simplesmente pela hereditariedade. Binet, então formula a hipótese de que a causa da perversão, que faz aflorar o traço degenerativo, são traços deixados por um acontecimento vivido na infância. Deve, pois, existir um incidente na história do sujeito que dá a forma característica da perversão. Em um indivíduo saudável, no entanto, o incidente histórico não seria suficiente para provocar tais efeitos patológicos.

A psicologia passa, pois, não só considerar a história da evolução da espécie, mas a investigar a história individual. Segundo Foucault (1954), essa virada é um dos traços mais relevantes para a psicologia moderna. É essa a importância da psiquiatria com o viés evolucionista, isto é, o foco na história individual como determinação do adoecimento. Sem dúvida, o principal fator continua sendo a hereditariedade, porém, esse fator deixa de ser uma explicação suficiente para a manifestação patológica, tornando-se necessário, assim, um agente provocador.

II. 4. *Psychopathia Sexualis*

A obra de Binet *Le fétichisme dans l'amour* (1887) teve grande influência, sobretudo na França, no entanto, esse pequeno tratado do psiquiatra francês não chegou perto da repercussão que teve a obra de Richard von Krafft-Ebing, *Psychopathia Sexualis*. O volumoso tratado de Krafft-Ebing consiste numa catalogação e descrição das patologias da vida sexual. Convém lembrar aqui o esclarecedor subtítulo do tratado, *Estudo médico-legal para uso de médicos e juristas*. Como destacado a partir de Foucault, o controle sobre as sexualidades desviantes não era uma exclusividade do poder médico, mas se encontrava presente em diversos âmbitos da sociedade.

A *Psychopathia Sexualis*, foi publicada pela primeira vez em 1886, teve doze edições e tradução para sete idiomas ainda com seu autor em vida. A cada nova edição o tratado incorporava os estudos mais recentes, tornando-o assim um interessante documentário do movimento psiquiátrico. O mapeamento e a classificação da vida sexual, presentes nessa obra, foram de notável influência no meio acadêmico. “sadismo” e “masoquismo”, apenas destacam duas definições utilizadas por Freud, tiveram seu nascimento nesse livro.

Roudinesco, em seu livro *A parte obscura de nós mesmos. Uma história dos perversos* (2009), coloca o Krafft-Ebing como um dos principais representantes da corrente mais radical dos estudos sobre e sexualidade.

O objetivo confesso é dar um fundamento antropológico ao sexo e ao crime sexual e fundar uma separação radical entre uma sexualidade considerada “normal”, na qual devem encontrar em sua base a saúde, a procriação e a restrição do prazer, e uma sexualidade considerada “perversa”, que se situa ao lado da esterilidade, da morte, da doença, da inutilidade e do gozo (2009, n. p)

Cabe destacar o estranho papel da homossexualidade dentre as perversões, “uma perversão à parte, antes, a parte mais obscura da perversão” (2009, l. 1316). O homossexual não precisava de nenhum fetiche, nem não porta qualquer outras dos desvios considerados catalogados. Desse modo, o grotesco e monstruoso não podem ser atribuídos ao homossexual, nem mesmo uma fixação numa fase infantil. Assim, por não manifestar nenhum traço clínico observável, a homossexualidade era considerada por alguns como a pior das perversões. Os homossexuais seriam, então, *ontologicamente perversos*, uma vez que o seu desvio incidia sobre um único ponto a lei da procriação. Nesse sentido, o homossexual deveria ser entendida “como o perverso da civilização, como aquele que encarna a essência da perversão” (2009, l. 1322). Se a finalidade última que a natureza inscreveu nos homens, e nas demais formas de vida, evidentemente, é a conservação da espécie, nada mais acertado do que considerar o homossexual o pior dos monstros. O fato de o único desvio dizer respeito somente ao ponto mais central, a conservação da espécie, só torna esse desvio pior. É assim que surge o conceito de narcisismo na psiquiatria clássica.

II. 5. O narcisismo na psiquiatria clássica

Em 1914, na Introdução ao Narcisismo, Freud atribui o termo narcisismo a uma descrição clínica de Paul Näcke. Em uma nota inserida na edição de 1920 do mesmo texto, Freud se corrige e diz que o termo narcisismo foi introduzido por Havelock Ellis. O próprio Ellis (1927), no entanto, retifica a referência feita por Freud. Esse breve diálogo entre Freud e Ellis, interesse por revelar a gênese desse conceito tão caro à teoria freudiana. Na impossibilidade de recorrer ao texto de Ellis, podemos recorrer brevemente à nota da *Standard Edition*. Segundo a nota, Ellis “explaining that the term ‘narcissus-like’ had been used by him in 1898 as a description of a psychological attitude, and that Näcke in 1899 had introduced the term ‘Narcismus’ to describe a sexual perversion.”. *O vocabulário de psicanálise* de Laplanche e Pontalis 1967 confirmam esta nota, igualmente Pierre Kaufmann em *Dicionário enciclopédico de psicanálise* (1993). Contudo, o Dicionário de psicanálise de

Roudinesco e Plon (1997) atribui uma origem diferente ao termo. Segundo Roudinesco e Plon, o termo teria aparecido pela primeira vez, em uma nota de rodapé, na obra de Alfred Binet em 1887, na obra já mencionada, *Le fétichisme dans l'amour*. A nota de Binet é a seguinte:

Nessa doença, a associação de sentimentos é gerada por um prazer pessoal egoísta. Há, sem dúvida, sujeitos para os quais o fetiche tem por objeto a própria pessoa. A fábula do belo narciso é uma imagem poética dessas tristes perversões. Em diversos lugares, encontramos a poesia recobrindo e dissimulando o fato patológico³ (1887, p. 71, tradução nossa).

É extremamente interessante o fato de Binet usar a imagem de narciso para se referir a um fetiche. O fetiche que toma a si mesmo como objeto sexual. Essa relação entre narcisismo e fetiche parece ter sido pouco explorada na teoria psicanalítica. Então, tanto Binet como Havelock Ellis, Paul Näcke e Richard von Krafft-Ebing consideram o narcisismo uma perversão. Voltaremos ao problema do fetiche na parte final do trabalho. Agora cabe expor como o narcisismo aparece na obra freudiana.

II. 5. A sexualidade e a história individual

O termo narcisismo, com efeito, não aparece pela primeira vez na obra freudiana em seu texto de 1914, aquele surge antes numa nota de rodapé do texto *Os três ensaios para uma teoria da sexualidade* (1905), inserida na edição de 1910, segue:

(...) em todos os casos investigados, constatamos que os futuros invertidos passam, nos primeiros anos da infância, por uma fase de intensa, mas breve fixação na mulher (geralmente a mãe), e, após superá-la, identificam-se com a mulher e tomam a si próprios como objeto sexual, ou seja, partindo do narcisismo, buscam homens jovens e semelhantes a si mesmos, que querem amar assim como a mãe os amou. (1905, p. 34)

Nota-se aqui o uso da expressão “invertido”, tal como no artigo de 1905, e não “homossexual”. Essa inversão, é bom destacar, marca uma mudança na escolha do objeto sexual e não uma regressão temporal. Invertidos na medida em que “buscam homens jovens

³ No original: “Chez ce malade, l’association de sentiments est engendrée par un plaisir personnel égoïste. Il y a sans doute des sujets chez lesquels le fétichisme a pour objet leur propre personne. La fable du beau Narcisse est une image poétique de ces tristes perversions. Partout d’ailleurs, dans ce sujet, nous trouvons la poésie recouvrant et déguisant le fait pathologique” (BINET, 1887, p. 71)

e semelhantes a si mesmos, que querem amar assim como a mãe os amou” (p. 34). Assim, na construção psicanalítica, é no interior do complexo de Édipo que encontramos o fio condutor para a ideia de inversão. Uma vez que a explicação da homossexualidade na obra de Freud passa por diferentes elaborações, e fugiria do escopo deste trabalho reconstituí-las aqui, podemos nos valer da construção do complexo de Édipo na menina para lançar uma luz sobre o problema da escolha do objeto de amor.

Freud sempre sustentou ser mais difícil explicar o complexo de Édipo na menina do que no menino, visto que a mãe é o primeiro objeto de amor para os dois sexos, mas é também o objeto de identificação para a menina, diferente do que é para o menino. Isso porque, “os primeiros investimentos de objeto ocorrem com o apoio na satisfação das grandes e simples necessidades da vida, e as circunstâncias da criação são as mesmas para ambos os sexos” (FREUD, 1908, p. 80). A mãe, portanto, é o suporte desses primeiros investimentos para o menino e para a menina. Para que a menina possa tomar o pai como objeto de amor, então, tem de haver uma inversão.

Nesse sentido, há um trabalho psíquico a mais na constituição do objeto de amor para a menina. Dessa construção do complexo de Édipo, interessa-nos destacar que a escolha de objeto de amor, na obra freudiana, não está dada de modo algum pela natureza. Isto é, não há uma tendência inata que inscreve o objeto de amor como o sexo oposto. É no drama familiar do neurótico, e não na natureza, que podemos encontrar a explicação para a escolha do objeto de amor. Desse modo, a posição de Freud se afasta largamente da tradição que remonta até Binet, que considerava a homossexualidade uma perversão. Ou seja, na tradição da degenerescência a homossexualidade é uma falha da natureza.

Ainda sobre a nota de rodapé, onde ocorre pela primeira vez o termo *narcisismo*, temos ainda uma observação. A nota continua da seguinte maneira:

Além disso, com frequência vimos que supostos invertidos não eram absolutamente insensíveis ao encanto da mulher, mas continuamente transpunham a excitação por ela despertada para um objeto masculino. Desse modo repetiam, durante toda a vida, o mecanismo pelo qual sua inversão havia surgido. Seu compulsivo anseio pelo homem revelou-se determinado pela incessante fuga da mulher. (1905, p. 34)

Essa fuga da mulher é mais um elemento que aproxima o narcisismo do fetichismo. No texto de 1927, é dito que o fetiche protege o homem de uma posição feminina. O fetiche

é, pois, uma proteção contra a ameaça de castração e, por isso mesmo, “ele também salva o fetichista de se tornar um homossexual, emprestando à mulher aquela característica através da qual ela se torna suportável como objeto sexual” (p. 318). Essa formulação, curiosamente, lembra a tese de Binet, que o narcisista é um fetichista que escolhe a si mesmo como objeto de amor. O fetichista, na sua forma mais acentuada, erige um objeto substituto que torna suportável a mulher enquanto objeto sexual, isto é, protegendo-o de uma escolha do tipo narcísica. O fetichista em última instância não tem a mulher enquanto objeto sexual, esta é apenas o suporte de um traço universal. Nesse sentido, seguindo o paralelo entre o menino e a menina, é como se o fetichista ficasse no meio do caminho na escolha objetal. Voltaremos ao problema do fetichismo na parte final do trabalho.

Por mais que a escolha amorosa de tipo narcísica não deixe de ser um dos pontos importantes do ensaio de 1914, o que interesse a Freud é a dimensão narcísica enquanto um estágio necessário no desenvolvimento. Antes de chegar nesse desenvolvimento, porém, precisamos passar pelo *Três ensaios*, na medida em que é nesse texto que se coloca o problema para o qual o narcisismo é a primeira resposta possível. A saber: como as pulsões originalmente auto eróticas podem se unificar em uma tendência?

Precisamos antes passar ainda por certos pontos de convergência e divergência da teoria freudiana com a tradição evolucionista. Nos interessa destacar por trás da nosologia clássica os fundamentos, quase podemos dizer, a sua metapsicologia. Como bem assinala Bercherie, podemos encontrar as raízes da psicanálise na tradição psiquiátrica do final do século XIX. “(...) embora comumente se imagine a psicanálise como um começo absoluto - uma visão mais própria da escatologia que da história.” (1989, p. 16)

Por mais que desde o período chamado pré psicanalítico, década de 1890, possamos ver um conflito da construção freudiana com a psiquiatria clássica, sobretudo no que diz respeito à etiologia, Freud parece permanecer ainda ligado a um pressuposto comum a essa tradição. Tanto a pulsão de autoconservação, quanto a pulsão sexual, desse primeiro dualismo pulsional, podem ser vistos como tendências finalistas da natureza humana. No primeiro caso, pulsões do eu ou de autoconservação, o próprio nome anuncia esse caráter teleológico. Já a tendência finalista da pulsão sexual é mais difícil destacar. Nesse sentido, tentaremos recortar no *Três Ensaio*s como a transição do autoerotismo para a genitalidade é, em última instância, arrastada por uma tendência orgânica. Desse modo, o caráter perverso-polimorfo da fome sexualidade infantil é destituído não pela cultura, mas por esse princípio de conservação

da espécie. Cabe destacar que esses dois princípios, fome e amor, não foram formados pela tradição psiquiátrica, eles remetem a uma tradição muito mais antiga. Talvez por isso, por estarem mais enraizados na tradição, esse elemento finalista tenha sido a última peça que a metapsicologia freudiana teve que desmontar. É só a partir do conceito de pulsão de morte que a obra de freudiana se afasta inteiramente de qualquer ideia finalista.

Capítulo 3

Dois modelos do princípio do prazer

“Quanto mais comparo minhas maneiras de ser, mais sensível é-me o gozo ou o sofrimento. O prazer e a dor continuam a disputar minha atenção: ambos desenvolvem todas as minhas faculdades; forma hábitos apenas porque obedeco a eles, e não vivo senão para desejar e temer.” (CONDILLAC, 1754, p. 235)

III. A etiologia - entre o fator constitutivo e o traumático

Um dos grandes sistematizadores dessa tradição psiquiátrica, de cujo quadro nosológico em larga medida é utilizado por Freud, foi Valentin Magnan, amigo e colaborador de Charcot. Em Magnan, tal como Morel, a hereditariedade é a principal causa das degenerescências, essa categoria, no entanto, se alarga consideravelmente. É neste grande quadro que a “loucura histérica” se encontra inserida. Em Magnan não se encontra mais o fundamento explicitamente teológico de Morel. A degenerescência não é mais o decaimento de um tipo ideal. Por mais que a obra de Magnan não esteja fundamentada na metafísica cristã, mas sim na teoria da evolução de Darwin, ainda assim podemos encontrar o mesmo traço marcante: a natureza humana está subordinada a dois princípios, a conservação individual e a conservação da espécie. O discurso da degenerescência, seja lá em qual roupagem se encontre, não pode prescindir da ideia de um desenvolvimento teleologicamente organizado: o degenerado é um desvio da história natural.

O próprio Freud em *Três Ensaio*s critica esse alargamento generalizado do conceito de degenerescência que se aplicava a “todo tipo de manifestação patológica que não seja claramente traumática ou infecciosa.” (p. 25). Freud pergunta-se qual é a utilidade de tal quadro que engloba todo tipo de manifestações, “até mesmo a uma excelente configuração geral do funcionamento nervoso.” (p. 25). A crítica tem como foco, sobretudo, a categoria dos invertidos. Segundo Freud, uma vez que não se encontra nenhuma capacidade funcional prejudicada, não há nenhum motivo para incluir a inversão (homossexualidade) no quadro das degenerações.

Charcot foi o responsável por alocar a “grande neurose”, isto é, histeria, dentro do quadro geral das degenerações. Segundo o testemunho de Freud, a grande contribuição de

Charcot ao movimento psiquiátrico foi ter dado destaque aos agentes provocadores da histeria. A degenerescência, para Charcot, era ainda a condição necessária para a histeria, porém o despertar da manifestação patológica se devia aos agentes provocadores. O papel dos agentes provocadores, segundo o psiquiatra francês, não se limitaria a despertar os efeitos degenerativos, mas também contribuiria na determinação da manifestação histérica. Charcot, então, relaciona a manifestação patológica com o trauma que a ocasionou. Nesse sentido, ele se aproxima de Binet, para quem a escolha do objeto de fetiche precisa ser encontrada na história do indivíduo, e não como simples efeito da degenerescência. É esse aspecto da obra do mestre um dos mais relevantes para Freud.

Desde Pinel e Esquirol, a hereditariedade ocupava um lugar importante como causa das loucuras, importância que se expandiu ao longo do século XIX, até assumir o lugar de principal fator. Por isso, no início do período propriamente psicanalítico da obra de Freud, há uma discussão recorrente sobre o fator de hereditariedade na patologia psíquica. Numa carta à Fliess de 1º de janeiro de 1896, por exemplo, encontramos o seguinte comentário:

Gostaria de dizer que, de maneira geral, a hereditariedade é uma condição a mais, no que ela facilita e intensifica o efeito patológico. Portanto, é aquela condição que possibilita, sobretudo, as gradações do normal ao extremo. Não creio que a hereditariedade determine a escolha da neurose de defesa.” (1896, p. 23)

Podemos perceber que Freud não abandona o fator hereditário nesses primeiros escritos, porém o seu papel é bastante reduzido. O problema da hereditariedade tem lugar na obra freudiana, como o exemplo citado dos Três Ensaios, mas mesmo nos textos anteriores a *Interpretação dos Sonhos*, ela nunca aparece como a principal etiologia. Em 1896, Freud publica o artigo, um dos poucos escritos em francês, *A hereditariedade e a etiologia das neuroses*. Esse texto foi a primeira publicação em que aparece o termo “psicanálise”. Não é sem relevância o fato do texto ‘inaugural’ da psicanálise tratar do problema da hereditariedade na etiologia das neuroses. O texto em francês, como mostram os comentários da edição crítica, foi escrito ao mesmo tempo em que o *Neuropsicoses de defesa* (1984). O texto em francês começa com a seguinte questão:

Conhecemos o papel atribuído à hereditariedade nervosa nesta teoria. Para as afecções neuróticas, é a única causa verdadeira e indispensável; os outros influxos etiológicos só podem aspirar ao nome de “agentes provocadores” (1896, p. 143)

A posição de Freud é elevar os considerados agentes provocadores a categoria de principal fator etiológico. Podemos dizer que Freud inverte a relação entre fator hereditário e

agentes provocadores. Freud sempre reconheceu a importância da obra de Charcot para o início da teoria psicanalítica. O grande mestre Charcot, como Freud se refere ainda respeitosamente mesmo anos depois de seus estudos na França, foi o primeiro a reconhecer nas manifestações histéricas irrupções da vida afetiva. No necrológio de Charcot, escrito em 1893 por Freud, encontramos o seguinte comentário:

Depois que as últimas extensões do conceito de histeria levaram com tanta frequência a uma rejeição do diagnóstico etiológico, tornou-se necessário esmiuçar a etiologia da própria histeria. Charcot propôs uma fórmula simples para esta: devia-se considerar a hereditariedade como causa única. Consequentemente, a histeria seria uma forma de degeneração, um membro da "*famille névropathique*". Todos os outros fatores etiológicos desempenhariam o papel de causas incidentais, de "*agents provocateurs*". (1896, p. 32)

Assim, a chave de compreensão da "mais enigmática das doenças nervosas" foi encontrada no conceito de trauma. As manifestações histéricas, segundo Charcot e Janet, se originam de uma debilidade constitutiva. Certos indivíduos não teriam a capacidade de responder adequadamente a dados acontecimentos da vida, esses, portanto, seriam experienciados como traumas, ocasionando uma cisão na consciência. A cisão da consciência e a ideia de que a vida psíquica poderia se dividir em outras cenas é a grande contribuição de Janet, o principal discípulo de Charcot. A fraqueza de síntese, isto é, a incapacidade de vivenciar os acontecimentos sem a necessidade de uma cisão da consciência, seria um efeito da degenerescência. Assim, a escola francesa ao mesmo tempo em que dá um grande passo ao reconhecer na histeria um efeito de traumas psíquicos, isto é, os agentes provocadores, se mantém atrelada ainda à teoria da degenerescência. Sem o efeito de uma degeneração, seja ela "pessoal ou hereditário", o acontecimento traumático não teria a possibilidade de desencadear uma histeria. Os agentes provocadores apenas liberariam os sintomas, que, então, se tornariam independentes. Freud e Breuer opõem-se abertamente a essa posição. Para ambos, os "fatores acidentais" são muito mais significativos. "pelo contrário, devemos sustentar que o trauma psíquico, ou a memória do mesmo, age como um corpo estranho, devendo ser considerado, mesmo muito tempo depois de sua penetração, como um agente do presente.". (1983, p. 10)

Para Freud e Breuer a histeria deveria ser entendida no plano puramente psíquico, daí a eficácia da hipnose, tanto para remover ou induzir sintomas. A hipnose nos abre um "campo psíquico mais amplo", o que possibilita um acesso aos eventos que ocasionaram a formação do sintoma. Determinadas recordações podem ser traumáticas na medida em que

lhes foi bloqueada a descarga emocional adequada. É dessa concepção que surge o conceito de ab-reação. Podemos acompanhar a definição que Freud faz da teoria de Janet no O texto *Neuropsicoses de defesa*, cuja parte final aparece também nos *Estudos sobre histeria (1895)*.

De acordo com a teoria de Janet (1892-4 e 1893), a divisão [Spaltung] da consciência é um traço primário da modificação mental na histeria. É baseada em uma fraqueza inata da capacidade de sínteses psíquicas, na estreiteza do 'campo da consciência', que, na forma de um estigma psíquico, evidencia a degeneração dos indivíduos histéricos. (1896, p. 58)

O ponto central da argumentação de Freud, na primeira parte deste estudo, é mostrar que essa cisão da consciência como efeito de acontecimentos puramente psíquicos. São vivências inconciliáveis com o restante das representações, que despertam um afeto demasiadamente penoso. Nesse texto, podemos dizer, encontramos uma formulação que marca toda inovação da obra freudiana, o fato de um afeto e representação poderem se desvincular. A tese de Janet traz, além dessa cisão da consciência, outra inovação muito interessante e cara a Freud: essas representações inconciliáveis, “que estão segregadas do comércio associativo com o restante da consciência” (1893, p. 12), têm a capacidade de se ligar entre si e se organizar numa segunda consciência. Os sintomas histéricos, portanto, são manifestações dessa segunda consciência, e nela que os sintomas constroem o seu sentido. Assim o papel da terapia é

Ele [efeito curativo] anula a afetividade da ideia que originalmente não foi ab-reagida, ao permitir a seu afeto estrangulado o escoamento pela fala, e a leva à correção associativa, impelindo-a por sugestão médica, como ocorre no sonambulismo com amnésia. (1893, p. 38)

Da teoria de ab-reação podemos extrair um aspecto que talvez caracterize a inovação freudiana. A concepção de que cada representação é acompanhada de um montante afetivo e que, sobretudo, essa ligação pode ser desfeita. Quando tem lugar no psiquismo alguma representação inconciliável com a unidade da consciência, esta é apartada do restante da consciência. Essa desassociação é efeito de uma defesa psíquica. Freud comenta brevemente que essas representações inaceitáveis são muitas vezes de natureza sexual. Devemos acompanhar com cuidado essa separação entre afeto e representação, uma vez que essa construção não se torna obsoleta na teoria psicanalítica.

A tarefa que o eu se impõe, em sua atitude defensiva, de tratar a representação incompatível como “*non-arrivé*”, simplesmente não pode ser realizada por ele. Tanto o traço mnêmico como o afeto ligado à representação lá estão de uma vez por todas e não podem ser erradicados. Mas uma realização aproximada da tarefa se dá

quando o eu *transforma essa representação poderosa numa representação fraca*, retirando-lhe o afeto – a soma de excitação – do qual está carregada. A representação fraca não tem então praticamente nenhuma exigência a fazer ao trabalho da associação. *Mas a soma de excitação desvinculada dela tem que ser utilizada de alguma outra forma.* (1896, p.60)

O destino da representação, que se torna débil após perder o montante afetivo a ela atrelado, é o mesmo para a histeria, fobia e neurose obsessiva. Cabe ressaltar aqui que essa indistinção entre o destino da representação das neuroses, por mais que se mantenha inalterado durante grande parte da obra freudiana, não se mantém até o final. No escrito de 1925, *Inibição, sintoma e medo*, há uma clara mudança na formulação. Freud se vê na necessidade da “retomada do conceito de defesa e a limitação do conceito de recalque”. Essa diferença entre a neurose obsessiva e a histeria “é grande o bastante para justificar nossa opinião de que o processo mediante o qual a neurose obsessiva elimina uma exigência impulsional não pode ser o mesmo que na histeria.” (1925, p. 171) Essa limitação do conceito de recalque, no entanto, não parece ter recebido a devida atenção por parte da literatura psicanalítica. Para nossa pesquisa é de crucial importância acentuar a retomada do conceito de defesa. Parece ser a partir dessa retificação de 1925 que o conceito de recusa deixa de ser utilizado como mecanismo específico da psicose. Voltaremos a essa questão no último capítulo.

III. 2. O caráter teleológico do terceiro ensaio sobre a sexualidade

A psicanálise, em certo sentido, conseguiu dar lugar, no mundo científico, a uma série de “aberrações”. É de algum proveito teórico comparar o lugar que as patologias psíquicas representavam na psiquiatria clássica em comparação com as mesmas na teoria psicanalítica. O início da obra freudiana propriamente psicanalítica pode ser lido, portanto, como uma discussão direta com a teoria da degenerescência do final do século XIX. Nesse sentido, um passo revolucionário de Freud foi esvaziar o lugar da hereditariedade como causa do adoecimento psíquico. Essa ruptura com a tradição anterior, no entanto, não se dá de um só golpe, mas sim em um longo processo na obra freudiana. Mais difícil do que se afastar das concepções próprias à psiquiatria clássica, é se afastar do seu pressuposto fundamental, a teleologia. A obra *Três Ensaio*s é um texto paradigmático nesse sentido.

Segundo essa tradição muito antiga, que compreende o homem teleologicamente, a sexualidade nada mais é do que uma função finalista que tem como objetivo último a manutenção da espécie. Como já dito, essa tradição é anterior ao movimento psiquiátrico do século XIX, este apenas assumiu os mesmos pressupostos. A obra de Schopenhauer, sobretudo *A metafísica do amor*, é um interessante exemplo dessa tradição. Segundo o filósofo alemão: “o mero impulso sexual é vulgar, porque, sem individualização, direciona-se a todos e se esforça por conservar a espécie (...)” (1844, p. 36). Em Schopenhauer, a comparação da sexualidade com a fome, tantas vezes evocada por Freud, é bastante nítida. Nesse sentido, a Natureza, ou Deus, inscreve na natureza humana a fome, e o prazer ao se alimentar, para que os homens se alimentem e continuem vivos. A sexualidade é entendida exatamente por esse modelo, o próprio Freud evoca essa tradição no início do *Três ensaios*, “nisso [pulsão sexual] faz-se analogia com o instinto [Trieb] de nutrição, a fome. A linguagem corrente não tem uma designação correspondente à palavra "fome"; a ciência emprega "libido"(p. 20). Ou ainda, no mesmo ensaio: “considera-se meta sexual normal a união dos genitais no ato denominado copulação, que leva à resolução da tensão sexual e temporário arrefecimento do pulsão sexual (satisfação análoga à saciação da fome)” (p. 40).

Nos dois primeiros ensaios do texto de 1905, é evidente a crítica a essa tradição. A opinião popular, isto é, a psiquiatria clássica, tem ideias muito definidas sobre a sexualidade. No início do primeiro ensaio encontramos um comentário que define bem um dos aspectos marcantes da compreensão clássica sobre a sexualidade: “[A sexualidade] estaria ausente na infância, apareceria na época da puberdade, ligado ao processo de maturação desta, e se revelaria nas manifestações da irresistível atração que um sexo exerce sobre o outro”. (p. 21) É em contraposição a essa compreensão que Freud caracteriza a sexualidade infantil como sendo originalmente perverso-polimorfa. Neste conceito, podemos ver uma crítica à concepção clássica de perversão e, ao mesmo tempo, uma crítica à ideia de que a sexualidade só aflora na puberdade e tem como meta estritamente a relação genital. Encontramos, assim, nesses dois primeiros ensaios um evidente esforço de esvaziar esse caráter teleológico da sexualidade. No entanto, o que nos surpreende é a evidente retomada da teleologia no terceiro ensaio. Para explicar a passagem do autoerotismo para a genitalidade, Freud recorre a uma determinação natural.

A obra de Freud, a partir da década de 1920, pode ser lida como uma crítica e uma revisão desse traço de determinação natural presente nos *Três Ensaios*. Nessa sequência, toda

a problemática sobre o complexo de Édipo e da ameaça de castração, pode ser lida como uma resolução desse problema. Parece ser do interesse de Freud explicar como a sexualidade, primordialmente perverso-polimorfa, pode estar circunscrita à genitalidade sem recorrer a uma determinação natural para isso. É por esse viés que nos debruçaremos na obra de Freud desse período final, sobretudo com os textos *O fetichismo* e *A cisão do Eu*. Por hora, vamos nos ater em como essa questão aparece nos primórdios da teoria psicanalítica.

Como já indicado, o texto *Três ensaios* passou por significativas modificações durante a vida de Freud. Duas décadas separam a primeira edição da última. Cabe salientar que o texto atravessou o período mais produtivo da obra freudiana, nessas duas décadas, de 1905 a 1925, se concentram o maior volume de produção. Nesse sentido, Freud tentou integrar ao texto de 1905 uma série de modificações provenientes do desenvolvimento da teoria. Dessa transformação da teoria, que impactaram o manuscrito de 1905, destacam-se sobretudo os textos metapsicológicos (1914-1915), *Além do princípio do prazer* (1920) e *O Eu e o Isso* (1923). Como o próprio Freud pontua, nas edições subsequentes foi mantida a ordenação original, as alterações consistiram somente em algumas interpolações no texto e uma série de notas de rodapé. Nosso interesse, no terceiro ensaio, é acompanhar a subordinação das pulsões parciais ao primado da genitalidade. E, por outro lado, como o Freud revisita essa problemática transformação em textos posteriores.

O *Três ensaios* é um dos textos que mais marcadamente dialoga com a psiquiatria clássica. Por mais que Freud comece dizendo “a opinião popular tem ideias bastante definidas sobre a natureza e as características dessa pulsão sexual” (1905, p. 21), o que ele tem em vista é uma discussão com as obras de Krafft-Ebing, Moebius, Havelock Ellis, Bichat, Morel, Magma e outros. Para essa tradição, a sexualidade é um instinto natural teleologicamente determinado, cuja finalidade é a reprodução da espécie. Essa força da natureza se manteria adormecida até o momento certo de seu afloramento na puberdade. Desse modo, “na concepção popular da pulsão sexual, ele está ausente na infância e desperta somente no período da vida que designamos como puberdade.” (1905, p. 73). Os dois primeiros ensaios são um desmonte dessas concepções.

Dessa forma, a ideia do caráter perverso-polimorfo da sexualidade infantil, pode ser vista como uma crítica em duas frentes: a) contra o discurso da degenerescência que entendia a perversão como um desvio da natureza; b) em oposição à compreensão da sexualidade como algo que desperta na puberdade e cujo objeto natural é a zona genital. Desse modo, o

conceito de perversão-polimorfa significa que a sexualidade não tem nenhuma finalidade naturalmente determinada e que, a rigor, qualquer parte do corpo pode proporcionar prazer sexual.

No entanto, no terceiro ensaio, com a entrada da puberdade, Freud nitidamente reintroduz o princípio finalista como determinação da sexualidade. Essa retomada da teleologia, que os dois primeiros ensaios haviam se esforçado por afastar da sexualidade, torna o terceiro ensaio bastante estranho.

A pulsão sexual, que era predominantemente autoerótica, encontra agora um objeto sexual. Ele operava a partir de diferentes pulsões e zonas erógenas, que buscavam, cada qual de forma independente, determinado prazer como única meta sexual. Agora ele recebe uma nova meta sexual e todos as pulsões parciais cooperam para alcançá-la, enquanto as zonas erógenas se subordinam ao primado da zona genital. (1905, p. 121)

Como já destacado na introdução, a subordinação das zonas erógenas ao primado da zona genital, é “organicamente condicionado, fixado hereditariamente” (1905, p. 80). Freud é enfático ao dizer que não há nenhum auxílio da educação nesse processo. Esse desenvolvimento organicamente traçado é o grande problema do texto de 1905.

Por outro lado, podemos perceber que Freud nunca ignorou essa “contradição” presente no texto. Mesmo na primeira edição do ensaio, Freud indicava o caráter obscuro da subordinação das pulsões parciais a uma única meta. É muito difícil explicar como se constitui o primado da genitalidade. Freud assume um fator de determinação natural, uma determinação orgânica, para explicar como as pulsões parciais, provenientes de diversas zonas erógenas, se unificam na zona genital. É inegável que Freud, no terceiro ensaio, colocou a sexualidade a serviço da reprodução da espécie. Assim, a teleologia na determinação da sexualidade, que o primeiro e segundo ensaios haviam se esforçado por afastar, reaparece no terceiro ensaio.

Nessa sequência, não é nosso intuito dizer que a construção freudiana tenha se aferrado à concepção finalista da sexualidade humana. Pelo contrário, pretendemos destacar como a teoria freudiana se esforça para esvaziar essa concepção. Como em todas as suas obras, nas versões subsequentes do *Três ensaios*, Freud não retirou partes do texto, ele não substituiu suas “imperfeições” que se evidenciaram a partir do desenvolvimento da psicanálise.

Freud se limitou a acrescentar notas de rodapé e a colocar algumas ressalvas nos prefácios das versões subsequentes. Podemos acompanhar alguns detalhes desses prefácios. Uma vez que o prefácio à segunda edição de 1910 é curto e dita o tom dos prefácios posteriores, podemos reproduzi-lo na íntegra.

O autor não se ilude acerca das lacunas e obscuridades desta pequena obra, mas resistiu à tentação de nela inserir os resultados de pesquisa dos últimos cinco anos, estragando-lhe a unidade e o caráter de documento. Portanto, reproduz o texto original com alterações mínimas e se contenta em acrescentar algumas notas de rodapé, que se distinguem das anteriores por um asterisco. De resto, é seu firme desejo que este livro envelheça rapidamente, pela aceitação geral daquilo que trouxe de novo e pela substituição de suas imperfeições por teses mais corretas (1905, p. 14)

Assim, apenas 4 anos após a publicação, Freud já expressa o desejo de que o livro envelheça rápido. No prefácio à terceira edição de 1914, encontramos um comentário sobre os fatores acidentais e disposicionais, ou, ontogenético e o filogenético como aparecem no texto de 1905. Não podemos extrair desses comentários que Freud tenha em vista a reformulação do ponto que nos ocupa aqui, ou seja, a passagem do autoerotismo para a genitalidade. Entretanto, esses trechos corroboram à ideia de que o livro precisava ser revisto em alguns pontos fundamentais e de que a discussão acerca dos fatores etiológicos acidentais e genéticos ainda persistem na obra freudiana. Sobre esse último aspecto, encontramos o seguinte comentário no prefácio à terceira edição de 1914:

É sempre mantida determinada sucessão de instâncias: os fatores acidentais são colocados na frente, os fatores disposicionais são deixados em segundo plano e o desenvolvimento ontogenético é considerado antes do filogenético. Pois o elemento acidental desempenha o papel principal na análise, é por ela subjugado quase completamente. O elemento disposicional somente aparece atrás dele, como algo que é despertado pelas vivências; no entanto, sua avaliação leva muito além do campo de trabalho da psicanálise. (1905, p. 15)

Essa relação entre ontogênese e filogênese é extremamente complicada na obra freudiana. Mesmo em 1939, na última obra de Freud, ela parece repercutir no que é ali chamado de “verdade histórica”. A discussão sobre a questão da obra freudiana ganhou novo fôlego com a descoberta de um manuscrito inédito de Freud, *Neuroses de Transferência: uma síntese*, publicado em 1985 pela importante pesquisadora Ilse Grubrich-Simitis. Não é nosso interesse entrar nessa discussão, por outro lado, não podemos deixar de mencioná-la. Com a intenção de demarcar que, no que diz respeito à passagem do autoerotismo para a escolha objetal, não parece ser o fator filogenético que está em questão, acreditamos poder ler essa obscura circunscrição da sexualidade à genitalidade inteiramente a partir da estrutura familiar.

É assim que pretendemos ler a discussão sobre o complexo de Édipo na fase final da obra freudiana.

Nesse sentido, é sobretudo a partir do texto de 1923, *Organização genital infantil*, que podemos perceber uma evidente tentativa de reestruturação de uma construção do texto de 1905. Além deste texto de 1923, encontramos uma discussão em torno do mesmo tema em *O declínio do complexo de Édipo* (1924) e *Algumas consequências psíquicas* (1925). Esses três textos gravitam em torno de uma mesma questão: como as pulsões parciais se unificam? Antes de chegar a essa discussão da década de 1920, cabe ainda nos determos no narcisismo na obra de Freud, uma vez que o texto de 1914 também tem como questão a unificação das pulsões parciais.

III. 3. A unificação das pulsões parciais

Introdução ao narcisismo (1914), é um dos textos mais importantes da obra freudiana, além de iniciar a série dos textos metapsicológicos, é neste que se esboça pela primeira vez a possibilidade da revisão do dualismo pulsional. Sem dúvida, no texto de 1914, a escolha amorosa de tipo narcisista ainda é uma questão relevante. No entanto, o ponto que mais interessa ao ensaio é apresentar o narcisismo em outra dimensão: um estágio regular no desenvolvimento da vida psíquica. Nesse sentido, o texto de 1914 pode ser lido como uma resposta ao problema da unificação das pulsões parciais, já existente em 1905.

Logo na primeira parte do ensaio é colocada a questão que nos interessa: “que relação há entre o narcisismo, de que agora tratamos, e o autoerotismo, que descrevemos como um estágio inicial da libido?” Como resposta a essa questão temos uma formulação que repercutirá em toda a obra freudiana. Algo como o Eu não existe desde o início na vida psíquica, “o Eu tem que ser desenvolvido. Mas as pulsões autoeróticas são primordiais; então deve haver algo que se acrescenta ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo.” É importante ressaltar que não é desenvolvimento orgânico, mas uma ação psíquica, que faz com que do autoerotismo tenha lugar um Eu. Por mais que no texto de 1914 não seja não claro qual é esta ação.

Essa ação psíquica, no entanto, não exclui o marcante traço biológico que fundamenta o dualismo pulsional defendido nesse texto. Mesmo admitindo que “poderia ser o caso de

uma energia psíquica indiferente, que apenas com o ato do investimento de objeto se torna libido.” (1914, n. p) Freud, no ensaio de 1914, defende o dualismo entre pulsões do Eu e pulsões sexuais. É interessante notar que praticamente não há argumento psicológico para tal divisão, é da biologia que Freud retira a justificção.

Mas essa distinção conceitual corresponde, primeiro, à separação popular tão corriqueira entre fome e amor. Em segundo lugar, considerações biológicas se fazem valer em seu favor. O indivíduo tem de fato uma dupla existência, como fim em si mesmo e como elo de uma corrente, à qual serve contra — ou, de todo modo, sem — a sua vontade. Ele vê a sexualidade mesma como um de seus propósitos, enquanto uma outra reflexão mostra que ele é tão somente um apêndice de seu plasma germinal, à disposição do qual ele coloca suas forças, em troca de um bônus de prazer — o depositário mortal de uma (talvez) imortal substância, como um morgado, que possui temporariamente a instituição que a ele sobreviverá. A distinção entre pulsões sexuais e do Eu apenas refletiria essa dupla função do indivíduo. (1914, n. p)

É difícil não ver nessa formulação um eco da concepção de que a sexualidade é um vetor da reprodução da espécie, muito presente no século XIX. No nosso entender, a teoria freudiana só se afasta inteiramente dessa tradição com a introdução do conceito de pulsão de morte. Com isso não queremos condenar a teoria freudiana do período anterior a 1920, nem tampouco reduzir a construção freudiana a uma pura explicação teleológica da natureza humana. O interesse é, antes, acentuar o caráter revolucionário da pulsão de morte. Além do que, o recurso à teleologia é muito pontual na obra freudiana e aparece somente nesses pontos obscuros da teoria. Tal como na circunscrição das pulsões parciais ao primado da genitalidade que aparece nos três ensaios, e também, nesse ponto que agora abordamos, o primeiro dualismo pulsional, fome e amor. É nítido que esse dualismo pulsional não está sustentado na clínica. Apesar do “esforço para manter longe da psicologia tudo o que dela é diferente, inclusive o pensamento biológico” (l. 180), o que em última instância fundamenta o dualismo pulsional é a biologia, “quero neste ponto admitir expressamente que a hipótese de pulsões sexuais e do Eu separados, ou seja, a teoria da libido, repousa minimamente sobre base psicológica, escorando-se essencialmente na biologia.”(1914, l. 190).

É extremamente curioso, ainda, o fato desse mesmo exemplo do plasma germinal reaparecer em *Além do princípio do prazer*, porém com um sentido completamente oposto. Se no texto de 1914 esse plasma está a serviço da manutenção da espécie, em 1920, por sua vez, é a pura compulsão à repetição que sustenta essa vida. Voltaremos a esse problema no capítulo seguinte, devemos nos deter ainda no texto de 1914.

Em que pese o fato de Freud ainda manter a distinção entre pulsão sexual e pulsão do eu, é em introdução ao narcisismo que essa distinção começa a se dissolver. O texto mostra que não há nenhuma distinção entre pulsões sexuais e pulsões do Eu. É explícito que o fundamento da distinção entre libido do eu e libido sexual não repousa na psicologia. Assim, não há uma diferença qualitativa entre o investimento dirigido ao Eu e o dirigido ao objeto. “Enxergamos, em largos traços, uma oposição entre libido do Eu e libido de objeto. Quanto mais se emprega uma, mais empobrece a outra.” (1914, p. 32) Nos deparamos, assim, com outro importante fator econômico da metapsicologia. O psiquismo dispõe de uma certa quantidade limitada de libido que pode ser investido em objetos ou retornar ao próprio Eu. Há um princípio de conservação da energia psíquica, ela não se perde. A libido que se recolhe de novo para o Eu, uma vez desligado do objeto, contudo, não retorna limpa. Traços daquilo no que se investiu libidinalmente sempre retornam para o Eu. Desse modo, a sombra do objeto cai sempre sobre o Eu (1917). Podemos acrescentar, então, que ao investir em um novo objeto, essa mesma sombra do objeto perdido é lançada sobre o novo. Nesse eterno jogo de sombras talvez se perpetue o mesmo objeto primordial.

Além disso, é em introdução ao narcisismo que começa a se delimitar uma tese que percorre toda a obra freudiana e que aparece sob diferentes perspectivas: o Eu é uma unidade que se forma a partir da unificação de tendências a princípio dispersas. O Eu, a partir desse texto, é entendido enquanto uma unidade coerente. A distinção fundamental entre Eu e Isso consiste justamente nisso: “o Eu é uma organização, mas o Isso não é” (1925, p. 62). É necessário ressaltar que a falta de organização do isso não quer dizer falta de sentido, pelo contrário, há um transbordar de sentidos múltiplos, todos coexistindo. Podemos dizer, de um modo geral, que nesse primeiro momento da metapsicologia, foi do interesse teórico mostrar que o Eu não existe desde o início da vida psíquica e, por outro lado, que o Eu é uma organização. Se na primeira construção da metapsicologia Freud precisa mostrar como essa unidade se constitui, num momento posterior da obra freudiana o foco é demonstrar a possibilidade dessa unidade estar sujeita a uma série de perturbações.

Não podemos perder de vista que “separar o Eu do Isso parece justificado; essa separação nos é imposta por determinadas circunstâncias. Mas, por outro lado, o Eu é idêntico ao Isso, é apenas uma parte dele especialmente diferenciada” (1925, p. 62). O Eu, então, é a parte do Isso conformada pela realidade, diferenciada de acordo com o princípio da realidade. Devido a isso, por vezes, Freud se vale da expressão ‘sistema

perceptivo-consciente' (P-CS), entendendo que a percepção do mundo não é um atributo da consciência, mas isso que a constitui. É importante salientar que Freud não acompanha a construção kantiana da crítica da razão pura. Na metapsicologia freudiana não se pode pensar em formas puras da sensibilidade (tempo e espaço), de um lado, e a coisa em si, ou o mundo exterior, de outro. A construção freudiana é mesmo uma crítica ao modelo kantiano. O Eu, para a psicanálise, não é uma estrutura que precede o mundo, nesse sentido, não se trata de um sujeito transcendental. No compêndio de psicanálise, essa formulação do Eu enquanto uma parte do Isso reaparece numa construção mais lapidar.

Sob a influência do mundo exterior real que nos cerca, uma parte do Isso sofreu um desenvolvimento especial. Do que originalmente era uma camada limítrofe com o exterior, equipada com órgãos de captação dos estímulos e com dispositivos de proteção contra estímulos, estabeleceu-se uma organização especial que, a partir de então, serve de mediadora entre o Isso e o mundo exterior. A essa área de nossa vida anímica damos o nome de Eu. (1938, p. 17)

O fato do Eu não ser uma estrutura transcendental não quer dizer somente que ele se constitua numa história individual, significa também que essa unidade não é inabalável. A partir, sobretudo, do texto *Inibição, Sintoma e Medo*, a fragilidade da unidade do Eu se torna objeto de estudo. Sempre que ocorre um processo de recalçamento, isto é, quando uma cadeia de representações incompatíveis é afastada do comércio com a organização consciente, o Eu se estreita. Usando uma imagem militar muito corrente é Freud, o Eu perde parte do território que antes estava sob seu domínio. “Agora o recalçado é um “fora da lei”, excluído da grande organização do eu, apenas submetido às leis vigentes no âmbito do inconsciente.”(1925, p. 154)

Assim, o processo de recalçamento não elimina o recalçado, antes o perpetua. Segundo Michel De Certeau, esse é o núcleo mesmo da descoberta freudiana, o retorno do recalçado. Nesse sentido, “a consciência é, simultaneamente, a *máscara* ilusória e o *vestígio* efetivo de acontecimentos que organizam o presente.” (1978, p. 71) Toda questão está, podemos dizer, em como o recalçado retorna. Se a máscara for ruim, isto é, se o disfarce não for suficiente para que o substituto passe despercebido, o mecanismo de defesa é acionado mais uma vez. De um modo geral, é este o caso da maioria dos casos clínicos, a vasta literatura dos casos freudianos é a história do fracasso do recalque.

É importante não perder de vista, no entanto, que a experiência clínica, por sua natureza mesma, coloca em evidência os mecanismos de defesa mal-sucedidos. Isto é, o

recalcado que ao retornar é sempre de novo apanhado. Nesse sentido, é de crucial importância que uma moção inconsciente desse tipo, isto é, uma formação de compromisso mal disfarçada, se esgote antes de ter acesso ao “mundo externo”. Essa moção pulsional não pode passar do domínio do princípio do prazer para o domínio do princípio de realidade. Tal como descrito em *Inibição, sintoma e medo*: “quando possível, o processo substitutivo é mantido longe da descarga via motilidade; mesmo quando isso não funciona, ele precisa se esgotar na modificação do próprio corpo da pessoa e não pode se estender ao mundo externo; é-lhe proibido converter-se em ação” (1925, p. 60). O recalco, então, trabalha a serviço da realidade e se esforça para manter longe desta a formação substitutiva. Acreditamos, no entanto, que esse modelo não sirva para explicar todas as formações substitutivas. Esse é um dos nossos interesses no mecanismo de recusa: tentar pensar o mecanismo de defesa psíquica para além do modelo patológico.

III. 4. O prazer enquanto princípio sem finalidade

Como bem assinala Michel de Certeau (1981) os afetos na obra freudiana são uma retomada disso que no século XIX havia sido eliminado do discurso científico positivista, isto é, as paixões. Considerados como as causas determinantes da organização da vida social, desde a antiguidade até um certo período da modernidade (Locke, Hume e outros), as paixões perdem o seu lugar na economia produtivista do século XIX. No período de formação de Freud, as paixões não pertenciam ao domínio das ciências, mas somente ao literário.

A reintrodução das paixões ao discurso científico operada por Freud, no entanto, não é uma simples retomada dessa tradição excluída pelo pensamento positivista. O ponto de vista econômico da metapsicologia precisa explicar os processos psíquicos em termos energéticos. A energia psíquica é passível de deslocamento, aumento e diminuição. Nesse sentido, o esforço de Freud foi aproximar o conceito de energia psíquica ao modelo da energia física. Assim o que temos em Freud não é uma luta entre paixões caprichosas, mas uma rigorosa relação de forças. Além desse ponto, colocar os afetos numa dinâmica de forças emprestada do modelo da física, que afasta o modelo psicanalítico consideravelmente das tradições anteriores, ainda temos uma aproximação que merece ser discutida, a saber, o

princípio do prazer. O princípio do prazer não é uma regulação estritamente quantitativa da energia psíquica. A razão pela qual a energia do sistema não se esgota totalmente, como a lei da entropia, não pode ser explicada estritamente por esse jogo de forças. Aqui entra o problema apontado no texto *Introdução ao Narcisismo*, há um claro princípio de conservação da vida regulando a dinâmica do psiquismo que Freud chama pulsões do Eu ou pulsões de autoconservação. Podemos dizer, então, que a energia psíquica não chega a zero não por sua própria dinâmica energética, mas porque está submetida a um princípio que impede que a vida se destrua.

O primeiro dualismo pulsional, pulsões sexuais e pulsões de autoconservação, podem ser lidos como princípios finalistas. Apresentamos dois pontos em que a construção freudiana parece se ancorar numa teleologia. a) A pulsão sexual, em que pese a fase perverso polimorfa da infância, é arrastada pela natureza, não pela educação, para o seu fim, a reprodução. Assim podemos entender o problema que apresentamos no terceiro dos *Três ensaios*, a subordinação das pulsões parciais ao primado da genitalidade. b) Do mesmo modo, a pulsão de autoconservação impede que a economia das energias psíquicas chegue a zero. Na medida em que, numa dinâmica quantitativamente organizada, não é possível explicar como o puro jogo de força respeite um limiar mínimo que garanta a subsistência da vida.

Pretendemos demonstrar como a pulsão de morte representa uma ruptura com qualquer ideia de finalidade da natureza. Nos parece que é justamente esse caráter sem natureza, isto é, sem finalidade que caracteriza a revolução freudiana, sobretudo a partir do texto além do princípio do prazer. O conceito de pulsão de morte é o elemento que afasta a psicanálise de qualquer explicação finalística, ou natural, da vida psíquica. Nesse sentido, nos deteremos um momento na ideia de prazer enquanto princípio regulador da vida.

Para demonstrar que a pulsão de morte coloca o princípio do prazer fora de qualquer explicação finalista, podemos nos valer de uma comparação entre Freud e um importante expoente do empirismo, o filósofo francês Étienne Condillac. Diversos pesquisadores já apontaram relevantes semelhanças entre a obra de Freud e Condillac (Monzani 2011, Ibertis 2019). Para melhor caracterizar a revolução freudiana, cabe aqui destacar algumas dessas semelhanças, com o intuito, no entanto, de tornar manifesta a diferença fundamental que a obra de Freud introduz. Na obra do filósofo francês o prazer é elevado à categoria de princípio organizador de todas as formas de vida. Não se trata de um hedonismo à lá Epicuro, não é uma simples busca pelo prazer e fuga da dor. O objetivo de Condillac é demonstrar

como o “o prazer é um princípio suficiente para explicar a geração de todas as operações da alma.”(BERTRAND, 2002, p. 38) Além dessa semelhança com o princípio freudiano, há outra semelhança extremamente curiosa. Em Além do princípio do prazer, Freud se vale da imagem dessa “vesícula indiferenciada de substância estimulável”, um organismo vivo na forma mais elementar possível. A partir da interação dessa vesícula com o mundo exterior, esta vai se complexificando. É a sua interação com o mundo que obriga essa substância viva a se alterar, se diferenciar em estruturas, de modo a conter a energia excessiva do mundo circundante. Em Condillac temos uma imagem muito parecida, ele pensa numa estátua que, a princípio, tem um único sentido, o menos elaborado de todos, segundo o autor, o olfato. Dessa forma viva com o sentido mais simples, ele construiu uma vida psíquica. Na impossibilidade de expor aqui toda a tese do filósofo, podemos recorrer ao texto de Jorge Luis Borges que reproduz de forma resumida a vida da estátua.

Condillac começa por atribuir um só sentido à estátua: o olfativo, talvez o menos complexo de todos. Um cheiro de jasmim é o princípio da biografia da estátua; por um instante, haverá unicamente esse cheiro no universo, melhor dizendo, esse cheiro será o universo, que, um instante depois, será cheiro de rosa, e depois de cravo. Que na consciência da estátua haja um cheiro único, e já teremos a atenção; que perca um cheiro quando o estímulo tiver cessado, e teremos a memória; que uma impressão atual e outra do passado ocupem a atenção da estátua, e teremos a comparação; que a estátua perceba analogias e diferenças, e teremos o juízo; que a comparação e o juízo ocorram novamente, e teremos a reflexão; que uma lembrança agradável seja mais vívida que uma impressão desagradável, e teremos a imaginação. Engendradas as faculdades do entendimento, as da vontade surgirão depois: amor e ódio (atração e aversão), esperança e medo. A consciência de ter atravessado muitos estados dará à estátua a noção abstrata de número; a de ser cheiro de cravo e ter sido cheiro de jasmim, a noção do eu. (1967, p. 29)

Como bem assinala a professora Carlota Ibertis, no seu artigo Freud E Condillac: o prazer enquanto princípio, "É preciso esclarecer que a estátua não sente prazer porque alcança algo desejado; ao contrário, ela sente necessidade e desejo algo porque antes a experiência do mesmo foi prazerosa." Essa elucidação é de crucial importância. Em Condillac, tal como Freud, não é uma inscrição natural que determina um vínculo entre uma dada sensação e um prazer correspondente. “A natureza nos dá órgãos para nos advertir, através do prazer, sobre aquilo que devemos buscar, e através da dor, sobre aquilo de que devemos fugir. Mas ela se detém aí; e deixa à experiência o encargo de nos fazer contrair hábitos e concluir a obra que ela começou.” (1754, p. 56)

É o prazer, com efeito, que coloca a estátua em movimento e constrói as suas faculdades. É interessante acompanhar como o desejo surge como o efeito posterior de um

prazer obtido. A diferenciação entre esse ser vivo e o mundo, igualmente, não é dada de antemão, algo como um dentro e um fora precisam ser construídos. Acompanhando a descrição de Borges, “Um cheiro de jasmim é o princípio da biografia da estátua; por um instante, haverá unicamente esse cheiro no universo, melhor dizendo, esse cheiro será o universo”. (p. 29) Essa indiferenciação se aproxima consideravelmente da descrição freudiana “originalmente o eu contém tudo, mais tarde ele segrega de si um mundo exterior” (1967, p.29). Essa indiferenciação da criança com o mundo é muito bem sinalizada com respeito ao seio materno. “Por certo, o seio não é distinguido inicialmente do próprio corpo; quando o seio tem de ser separado do corpo e deslocado para “fora”.” (1938, p. 127). Ainda sobre essa mesma questão, nos fragmentos de anotações reunidos no último volume da edição crítica, encontra-se a seguinte e esclarecedora nota, de 12 de junho de 1938:

– Ter e ser na criança. A criança gosta de expressar a relação de objeto pela identificação: “Eu sou o objeto”. O ter ocorre depois; após a perda do objeto, retorna ao plano do ser. Exemplo: seio. “O seio é parte de mim, eu sou o seio”. Somente mais tarde: “Eu o tenho” – quer dizer, “eu não sou ele”...(1938, p. 205)

Cabe destacar ainda um outro aspecto, do qual não se nada parecido em Condillac. O primeiro objeto é a mãe. A partir dessa relação de cuidado, que não se limita somente à alimentação, ela é responsável por despertar nas crianças sensações corporais de prazer e desprazer. Deste modo, a mãe se torna a primeira sedutora da criança. Dessa relação “enraíza-se o singular e incomparável significado da mãe, fixado de modo inalterável para toda a vida, como o primeiro e mais forte objeto amoroso e como o protótipo de todos os relacionamentos amorosos posteriores – para ambos os sexos.”(1938, p. 129) Voltaremos ao problema da mãe como protótipo das escolhas amorosas na parte final do trabalho.

Assim, em Condillac, tal como em Freud, para o ser vivente não há um mundo objetivamente dado que preceda a sua existência. A "objetividade" do mundo se constitui a partir desse princípio do prazer. Não precisamos nos estender mais na comparação entre Freud e Condillac. No mais esse princípio de prazer de Condillac se aproxima em larga medida da teoria freudiana antes da introdução do conceito de pulsão de morte.

Interessa-nos aqui destacar, no entanto, a diferença fundamental que esse novo conceito freudiano introduz entre os dois modelos do prazer enquanto princípio. Nesse sentido, comparar essas duas formas de vida elementares, a estátua de Condillac e a vesícula

indiferenciada de Freud. Cabe, antes de tudo, ressaltar que a estátua de Condillac não parece ser assombrada pela morte, apesar de ter a possibilidade de sentir desprazer. Condillac esqueceu de dispor a sua estrutura viva com o elemento vital mais imprescindível, a possibilidade de morrer. Na estátua não vemos nenhum elemento de conflito com o mundo exterior. Talvez porque o prazer e o desprazer se instauram de tal maneira que a morte sequer assombra a vida. A diferença entre as duas concepções, porém, está justamente no fato de em Freud haver um para além do princípio do prazer. Em Freud o prazer não é um princípio desde o início da vida, ele precisa se instaurar.

Já no *Projeto para uma psicologia* (1950) há uma primeira tentativa de explicar o funcionamento do aparelho psíquico de acordo com um modelo hidráulico de circulação e escoamento de energia. Mais uma vez, Freud recorre a uma analogia com a energia física para explicar a energia psíquica. Segundo esse princípio, não pode haver uma energia livremente móvel dentro do sistema, ela precisa ser ligada para que se possa escoar de forma adequada. Assim, voltamos ao ponto em que paramos no final do capítulo III.1. O problema para o aparelho psíquico não é propriamente a representação incompatível, isto é, em desacordo com a unidade do Eu. O problema é a antes o afeto que se desvinculou da representação recalcada. É a partir do princípio do prazer que podemos entender a necessidade de escoar a carga afetiva que se desvincula de uma representação. Esse escoamento não pode se dar de qualquer maneira, esse é o grande problema do psiquismo. O abandono do conceito de ab reação não significou, ao mesmo tempo, o abandono da ideia de que a energia deveria ser escoada de forma adequada. Sem dúvida, o conceito de elaboração [Durcharbeiten] coloca a discussão em outro nível, não está mais em questão reavivar o acontecimento traumático, seja na transferência ou pelas palavras. No entanto, permanece a ideia de que a essa energia estrangulada é preciso dar uma vazão adequada. Essa energia, que se tornou livremente móvel, precisa se ligar novamente para poder ser descarregada. Essa ligação, no entanto, não se dá ao acaso, é de acordo com uma lógica, a lógica do inconsciente. Como já apontado aqui de maneira breve, o inconsciente não é uma inovação de Freud, a novidade do Freud é encontrar no inconsciente uma lógica, há um pensamento inconsciente. Assim, podemos dizer, que a energia que se desliga de uma representação recalcada, se desloca para algum lugar que se tenha alguma semelhança com a representação original. O deslocamento da energia, no entanto, é ao mesmo tempo uma tentativa de reaver uma satisfação negada. O princípio do prazer sem a ideia de uma pulsão de morte não é suficiente para explicar essa estranha tendência a repetir a satisfação negada.

Segundo o princípio da constância da psicofísica de Helmholtz e Fechner, a energia excedente deve deixar o sistema da forma mais rápida possível. Sendo assim, um ataque histérico, que, sem dúvida, é uma descarga afetiva, poderia ser suficiente para descarregar a energia estrangulada. No entanto, esse não é o caso, a energia insiste em não se descarregar. O ataque se repete sem que a energia do sistema diminua. Assim, uma pura construção energética do psiquismo, isto é, um princípio do prazer sem nenhum além, não dá conta de explicar o porquê uma descarga afetiva, seja ela qual for, não consegue se livrar da energia excessiva. Nem tão pouco, dar conta da lógica da repetição. Só a partir do conceito de pulsão de morte podemos entender,

(...) esse traço regressivo que se impõe compulsivamente, com as mesmas características essenciais de todo elemento pulsional, torna possível uma substantivação desse predicado, que identifica com o atributo essencial da pulsão. (...) Desse modo, fica estabelecida a relação essencial entre repetição, regressão, compulsão, pulsão e vida - sendo a repetição a variável que permite vislumbrar um caráter compulsoriamente regressivo do pulsional, enraizado no coração mesmo da vida; e, do ponto de vista de uma derivação genética, anteiro e indiferente, (senão) oposto ao princípio do prazer. (GIACOIA, 2008, p. 49)

É a partir da compulsão à repetição que podemos vislumbrar o que seria uma lógica inconsciente, a cadeia associativa das representações inconscientes se organizar de acordo com essa tendência: repetir satisfação. Sem dúvida, no adoecimento psíquico, o que temos na maioria dos casos é uma repetição de uma mesma estrutura. A repetição de uma satisfação interdita, das quais as formações substitutivas desencadeiam mais uma vez os mecanismos de defesa, o que gera um sobre acréscimo de sofrimento. Não podemos concluir disso, no entanto, que todas as formações substitutivas e a repetição mesma tenham um caráter patológico. Pelo contrário, a vida psíquica na teoria de Freud pode ser pensada como uma série de repetições, só que de tal maneira desfiguradas que podem se satisfazer sem problemas. Afinal, como nos lembra o poeta do Drummond, “em vão e para sempre repetimos os mesmos sem roteiro tristes périplos”. As repetições da vida podem ser consideradas tristes, mas não patológicas.

O conceito de pulsão de morte marca a ruptura de Freud com toda a tradição anterior. No mesmo sentido, podemos dizer que esse conceito é a consumação de um dos aspectos mais marcantes da modernidade, que tratamos aqui como a exclusão da causalidade final. Esse movimento tem início com a revolução científica, é mesmo a característica mais importante. Segundo Alexandre Koyré, depois da invenção do cosmos pelos gregos, a revolução mais profunda “realizada ou sofrida pelo espírito humano” foi a revolução

científica. A destruição do cosmos, para Koyré, é a dissolução da ideia de um mundo hierarquicamente ordenado, ontologicamente diferenciado. Na física newtoniana não há mais nenhum movimento privilegiado, nesse sentido, todo movimento é o mesmo. No entanto, a revolução não se operou em todo o reino da natureza, faltavam ainda um certo domínio, a vida. É só com a teoria de Darwin que a causalidade final deixa de ser uma explicação para a vida. Podemos dizer que depois de Darwin o fenômeno da vida é reincorporado ao restante da natureza. A vida humana, assim, pode ser vista como um último refúgio da causalidade final.

Nesse sentido, não são sobre as palavras que se opera a revolução freudiana, a nomenclatura freudiana é basicamente a mesma da tradição anterior. Não custa lembrar que, um dos principais conceitos freudianos, pulsão [*Trieb*] é uma palavra corrente na língua alemã, e não um estrangeirismo estranho como no português. Tal palavra, além de usual, já aparecia como importante conceito. Em Schopenhauer, por exemplo, *Trieb* é um conceito central, ele aparece como motor último da sexualidade. Há, no entanto, uma diferença radical; em Schopenhauer a pulsão está a serviço de uma finalidade: a manutenção da espécie.

No mesmo sentido, uma vez que as perversões, para a psiquiatria clássica, são desvios da natureza sexual, isto é, são desvios da meta da reprodução, qual é o lugar das perversões na obra de Freud, tendo em vista que não há uma natureza sexual? A perversidade, na obra de Freud, lembra muito mais o conto de Edgar Allan Poe, aqui abordado, do que a concepção psiquiátrica, isto é, um demônio presente em todos os homens como a marca da sua não subordinação às normas sociais. É isso que parece estar implícito na ideia da neurose como o negativo da perversão. Quanto às perversões positivas, elas praticamente não aparecem na obra de Freud. No caso do masoquismo, um interessante comentário do texto *O problema econômico do masoquismo* (1924), pode nos ajudar a entender o que diferencia o masoquismo enquanto uma tendência geral do funcionamento psíquico, do masoquismo propriamente perverso: “as atividades reais dos perversos masoquistas coincidem perfeitamente com as fantasias, sejam elas executadas com um fim em si mesmas ou sirvam para produzir potência e iniciar o ato sexual” (1924, p. 290). O texto de 1924, é um dos raros lugares onde se fala dos propriamente perversos e, mesmo assim, de um comentário marginal. O principal problema discutido no texto não é a perversão, mas os diferentes tipos de masoquismo. Desse comentário, no entanto, talvez possamos extrair um aspecto geral das perversões positivas: os propriamente perversos seriam aqueles cujas atividades reais

coincidiriam com as fantasias. Nesse sentido, não haveria nenhum abismo entre o neurótico e o perverso. Para tentar compreender o lugar das perversões na obra de Freud ainda nos resta passar pelo texto de 1927, *O fetichismo*.

Capítulo 4

A criança pode o que o adulto não pode

“Um monge ascético refugiou-se — das tentações do mundo, certamente — junto à imagem do Redentor crucificado. Então a cruz vai caindo, à maneira de uma sombra, e em seu lugar, substituindo-a, ergue-se radiante a imagem de uma voluptuosa mulher nua, na mesma posição de crucificada. Em outras representações da tentação, pintores de menor acúmen psicológico mostraram o pecado insolente e vitorioso em algum lugar próximo ao Redentor na cruz. Somente Rops o pôs no lugar do próprio Salvador; ele parecia saber que o reprimido, ao retornar, vem do próprio elemento repressor.”
(FREUD, 1907, n.p)

IV. Introdução

A fortuna crítica parece ter colocado o texto de 1927 como um típico caso clínico, isto é, o texto consistia numa exposição de uma perversão. Nesse sentido, a importância que recebeu o mecanismo de defesa, recusa, ficou circunscrita a essa perversão. Nossa leitura diverge dessa interpretação, antes, porém, de apresentar nosso posicionamento, devemos passar pela leitura da crítica. Podemos dividir os comentários da literatura psicanalítica em duas vertentes, nesse sentido, separamos duas definições que sintetizam bem as respectivas posições. Cabe ressaltar que não encontramos nenhum posicionamento que escapasse a esses dois modelos.

a) A recusa é o mecanismo próprio das perversões. Esse posicionamento é muito comum na literatura psicanalítica. Do importante trabalho de Patrick Valas, *Freud e a Perversão*, podemos recortar a seguinte definição que sintetiza essa compreensão: a recusa é vista “como mecanismo específico e como denominador comum de todas as formas de perversão.” (1990, p. 47)

b) Verleugnung como mecanismo da perversão e da psicose. Para segunda definição podemos recorrer ao verbete do vocabulário de psicanálise, lembrando que a definição do Dicionário de Psicanálise de Elisabeth Roudinesco e Michel Plon, é bastante parecida com a definição desse primeiro. No verbete sobre *Recusa* encontra-se a seguinte definição:

Termo usado por Freud num sentido específico: modo de defesa que consiste numa recusa por parte do sujeito em reconhecer a realidade de uma percepção traumatizante, essencialmente a da ausência de pênis na mulher. Este mecanismo é evocado por Freud em particular para explicar o fetichismo e as psicoses (1998, p. 656)

A primeira posição apresenta o mecanismo específico das perversões, o que é um tanto estranho uma vez que Freud não parece relacionar a recusa com as perversões, mas somente com o fetichismo; e na segunda, é dito que Freud se vale desse mecanismo para explicar também a psicose. Dessa forma, nenhuma das definições trata a recusa como um mecanismo de defesa comum.

Não é possível compreender o porquê dessa tradição considerar a recusa o mecanismo próprio das perversões. Em primeiro lugar, Freud não fala em momento algum no texto em perversões, ele só fala do fetichismo. Aliás, é uma outra questão saber quais perversões clássicas mantêm o seu *status* de perversão na obra freudiana. Como foi falado no final do último capítulo, no caso do narcisismo e do masoquismo, é evidente o esvaziamento do caráter perverso, no sentido clássico. Se o masoquismo pode ter um desdobramento propriamente perverso, não parece ser em função de um mecanismo de defesa específico. No mais, o texto *o problema econômico do masoquismo* não trata de uma perversão, o que menos interessa no texto são os perversos masoquistas.

Além desse ponto, temos outra grande razão para não considerar a recusa como o mecanismo próprio nem a perversão de uma maneira geral nem, tão pouco, especificidade ao fetichismo. No próprio ensaio de 1927, Freud dá dois outros exemplos de meninos que recusaram uma parcela da realidade, a saber, a morte dos pais, recusa que evidentemente não pode ser considerada fetichista. Igualmente no texto *Algumas consequências psíquicas*, escrito dois anos antes do fetichismo, encontramos mais uma vez a recusa, dessa vez, por parte da mulher: “a mulher ingressa no processo que eu gostaria de chamar de recusa [Verleugnung], que não parece ser nem raro nem muito perigoso na vida anímica da criança.” (p. 265) . Essas duas ocorrências são muito explícitas, além de colocar a recusa como um mecanismo comum na infância, não há aqui nenhuma relação com a perversão.

Mesmo com essas indicações muito claras de Freud, a tradição não coloca a recusa como um mecanismo regular. Esse posicionamento é estranho, na medida em que Freud não parece circunscrever de maneira nenhuma o conceito. A mesma ênfase dada ao caráter não raro e nem muito perigoso desse mecanismo, em ‘Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos’ reaparece no Fetichismo “Comecei a perceber também que acontecimentos semelhantes na infância de modo algum são raros” (p. 316). Assim,

longe de querer restringir a recusa, Freud parece assumir o seu caráter comum, característica que fica ainda mais acentuada no Texto a Cisão do Eu como mecanismo de defesa. Antes de chegar ao texto de 1938, precisamos ainda acompanhar alguns pontos do fetichismo, sobretudo a aproximação que Laplanche e Pontalis fazem entre a recusa e a psicose.

IV. 2. A fuga da realidade na neurose e na psicose

O texto Fetichismo é uma resposta ao problema sobre o conceito de escotomização utilizado por René Lafourge e, ao mesmo tempo, uma retificação de um problema colocado no *O Eu e o Isso*. Em 1924, isto é, um ano depois da publicação do *O Eu e o Isso*, Freud escreve dois curtos artigos na tentativa de melhor circunscrever um problema apresentado no texto de 1923 (*O Eu e o Isso*). Os artigos são, *Neurose e Psicose* e *A perda da realidade na neurose e na psicose*. De um modo geral o mesmo problema que perpassa os dois ensaios, e como veremos, também o fetichismo.

Recentemente [o Eu e o Isso] estabeleci dois traços distintivos entre a neurose e a psicose, de maneira que, na primeira, o Eu, dependente da realidade, reprime uma parte do Isso (da vida pulsional), enquanto o mesmo Eu, na psicose, a serviço do Isso, afasta-se de uma parte da realidade. Para a neurose, seria decisivo então o predomínio da influência real [des Realeinflusses], e para a psicose, o do Isso. A perda da realidade estaria dada de início para a psicose, para a neurose, ao que parece, ela seria evitada. (1924, p. 279).

Em *Neurose e psicose*, Freud retoma o problema já apresentado no texto de 1912, *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico*, sobre o afastamento da realidade que ocorre tanto na neurose como na psicose. Freud resume esquematicamente o problema da seguinte maneira: a neurose se desencadeia como consequência de um conflito entre o Eu e o Isso, e a psicose de um conflito entre o Eu e o mundo exterior.

Para discutir essa divisão esquemática, são apresentados dois exemplos paradigmáticos, um de neurose e outro de psicose. Nas neuroses de transferência, o Eu a serviço da realidade entra em confronto com o Isso. Eu, então, barrar o acesso à descarga motora de uma moção pulsional do Isso. “O recalcado luta contra esse destino, cria, para si próprio, um substituto que se impõe ao Eu pela via do compromisso: o sintoma”. A luta do Eu trava contra a moção original, então, se estende para o sintoma. Freud acrescenta ainda que o que torna possível conter essa poderosa moção pulsional do Isso, é o fato de as exigências do Supereu e da realidade serem mais fortes do que ela. Na luta contra uma moção pulsional, podemos dizer, o Eu perde força em dois sentidos, por um lado, o sintoma se

amarra a representações que antes seriam conscientes e então devem ser igualmente recalçadas e, por outro lado, o Eu gasta energia no processo de contrainvestimento.

Em seguida, é apresentado outro exemplo, dessa vez de psicose, a amênia de Meynert, “a aguda confusão alucinatória, talvez a forma mais extrema e notável de psicose, o mundo exterior não é absolutamente percebido, ou sua percepção permanece totalmente ineficaz.” (1924, p. 273) Freud assinala que a etiologia da psicose é a mesma que a da neurose, um impedimento. Impedimento de “eternamente indomáveis desejos de infância” (p. 274). No caso da psicose, é a influência da realidade que enfraquece. O Eu em nome das moções de desejo do Isso recusa a realidade. Desse modo, o mundo interior, “que até agora representou o mundo exterior como sua cópia” (p. 273) tem o seu investimento retirado. Eu o cria para si então, de conformidade com as moções pulsionais do Isso e independentes da realidade, um mundo interior e um exterior. Ou seja, o “delírio se apresenta como um remendo colocado onde originariamente havia surgido uma fissura na relação do Eu com o mundo exterior.” (p. 273) Cabe destacar que o verbo utilizado para esse afastamento da realidade é *verweigern*, e não *verleugnen*, que aparece no fetichismo. “Na amênia, não apenas a aceitação de novas percepções é recusada [verweigert].” Há ainda uma complicação adicional nesses esquemas gerais. Além de ser a instância interior que representa as exigências da realidade, o Supereu, ao mesmo tempo, representa os interesses do Isso. Desse modo, através de um “vínculo ainda obscuro para nós”, o Supereu unifica as exigências da realidade e as do Isso.

Esse curto texto coloca ainda uma interessante questão: “Gostaríamos de saber sob quais circunstâncias e por quais meios o Eu consegue sair ileso, sem adoecer, desses conflitos que, indubitavelmente, estão sempre presentes.” (1924, p. 275) e pouco mais adiante encontramos o seguinte comentário: “será possível ao Eu evitar a ruptura de qualquer um dos lados, deformando-se a si mesmo, deixando-se perder sua unicidade e, eventualmente, até segmentando-se e cindindo-se.” (p. 275) Do nosso ponto de vista, nesse parágrafo final do ensaio, se prefigura o problema sobre o qual se inscrevem a discussão do fetichismo e, sobretudo, da cisão do Eu. A recusa é o mecanismo de defesa que permite que o Eu da criança saia “ileso” diante do conflito entre uma forte exigência pulsional do Isso, por um lado, e a realidade que impede que o ensaio do Isso se realize, de outro. O Eu da criança - e somente à criança é permitido tal recurso - sai ileso com um único custo, o Eu se divide. A recusa é um mecanismo diferente dos modos de negação que caracterizam a neurose e a psicose, recalque e forclusão.

Em *A perda de realidade* encontramos, talvez, a razão pela qual no vocabulário de psicanálise é dito que Freud evoca a recusa para explicar a psicose. Freud retoma um caso clínico que havia sido apresentado muitos anos antes, no *Estudos sobre histeria*. Caso que aliás foi considerado por Freud, no momento, a primeira análise completa. Uma jovem apaixonada pelo cunhado, adoece depois de lhe ocorrer o seguinte pensamento no leito de morte da irmã: “agora ele está livre e pode se casar com você” (p. 280) . Em seguida, Freud descreve com a neurose e a psicose resolveriam o conflito: “A neurose desvaloriza a alteração real, na medida em que recalca a exigência pulsional em questão, isto é, o amor pelo cunhado. A reação psicótica teria sido recusar [verleugnen] a realidade do fato da morte da irmã.” (p.281) Apesar de nesse primeiro passo do conflito psíquico os processos da neurose e psicose seguirem caminhos distintos, no segundo momento as duas estruturas seguem a mesma tendência.

Tanto a neurose quanto a psicose são a expressão da rebelião do Isso contra o mundo exterior, seu desprazer, ou, se preferirem, sua incapacidade de se adequar à necessidade real, à Ananké [Ανάγκη]. Neurose e psicose distinguem-se muito mais entre si na primeira reação introdutória do que na subsequente tentativa de reparação. (1924, p. 281)

Dessa maneira, neurose e psicose são igualmente tentativas de reparação. A neurose é uma fuga de uma parte da realidade, enquanto na psicose há uma criação de uma nova realidade, na qual o conflito não mais existe. “a neurose não recusa [verleugnet] a realidade, apenas não quer saber nada sobre ela; a psicose a recusa e procura substituí-la.”

Logo em seguida temos uma formulação extremamente interessante: “Chamamos de normal ou “saudável” uma conduta que reúna determinados traços de ambas as reações: que recuse tão pouco a realidade como a neurose, mas que se esforce, como a psicose, para modificá-la.” (1924, p. 282) Por um lado, é curioso a utilização dos termos normal ou saudável, por outro, o fato dessa normalidade incluir traços psicóticos. A literatura psicanalítica parece muitas vezes inclinada a aproximar a normalidade da neurose. Talvez essa aproximação não seja tão precisa.

Podemos aproximar essa conduta saudável com a questão levantada no final do texto *Neurose e psicose* acerca da possibilidade do Eu passar por conflitos sem adoecer. A certa altura do texto Freud caracteriza a neurose como o resultado de um recalçamento fracassado.

Na verdade, a contradição só perdura se focalizamos a situação inicial da neurose, na qual o Eu, a serviço da realidade, empreende o recalçamento de uma moção

pulsional. Mas essa ainda não é a neurose de fato. Ela consiste muito mais nos processos que fornecem uma compensação para a parte prejudicada do Isso, portanto, na reação contra o recalçamento e no fracasso deste. (1924, p. 280)

Nesse sentido, parece haver uma leve virada de perspectiva na obra de Freud. A psicanálise, de um modo geral, apresentou os modos de funcionamento do aparelho psíquico a partir do seu funcionamento patológico. Parece, no entanto, que tornou-se uma questão explicar o funcionamento não patológico do psiquismo. A manifestação patológica, sem dúvida, traz a vantagem de exagerar e isolar determinados traços, são essas manifestações que povoam a clínica psicanalítica. A vida psíquica, no entanto, não se esgota nos sofrimentos da vida burguesa.

Dadas certas condições adversas, o não adoecimento psíquico é um enigma maior do que o adoecimento. Nesse sentido, parece ter sido uma questão importante para a construção freudiana o funcionamento psíquico que vai bem apesar de tudo. O funcionamento psíquico infantil se destaca nesse aspecto. O texto *A negação* (1925) parece se colocar no mesmo sentido, não é bem o funcionamento patológico que está em questão, mas a possibilidade de suspender o recalque.

IV. 3. O funcionamento não patológico

Na medida em que o uso do termo recusa com relação a psicose é muito esporádico, acreditamos conseguir recortar as ocorrências que justificam a aproximação de recusa com a psicose. A primeira vez que Freud utilizou o verbo *verleugnen*, em seu sentido técnico, isto é, como um mecanismo de defesa, foi em 1911. O termo aparece no texto *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* na seguinte passagem: “Encontramos o tipo mais extremo desse afastamento da realidade em certos casos de psicose alucinatória, nos quais o evento que provocou deve ser negado [verleugnet] pela pessoa” (p. 65). Entretanto, já nesse texto, o afastamento de realidade que esse mecanismo possibilita não é um privilégio da psicose. Na sequência da passagem citada Freud continua, “Entretanto, em rigor, todo neurótico faz o mesmo com alguma pequenina parte da realidade (p. 65).”

Desse modo, nesse texto de 1911 é colocada a mesma questão dos dois textos de 1924 aqui citados, a fuga de realidade na psicose e na neurose. Percebemos, assim, que esse já é um problema antigo na obra freudiana. Em *Complementos metapsicológicos a teoria dos sonhos*, mais uma vez a neurose alucinatória é evocada para explicar o afastamento da

realidade exterior na sua forma mais acentuada. No texto de 1917, tal como no texto de 1924, Freud se vale do quadro clínico criado por Meynert, a amentia, que Freud designa como: psicose alucinatória de desejo.

O que está em jogo no texto de 1917 não é a elucidação de um quadro patológico, mas o funcionamento dos sonhos. “A formação da fantasia-desejo e o seu regredir à alucinação constituem as partes essenciais do trabalho do sonho”. (n.p) A psicose alucinatória de desejo funciona, então, como um tipo ideal de funcionamento psíquico. Nesse ponto, podemos nos valer da citação que Freud faz de Fechner para explicar a tendência ao princípio do prazer: “a tendência para alcançar a meta ainda não significa o alcance da meta, e que a meta, geralmente, só se pode alcançar por aproximações.” Desse modo, a psicose alucinatória permanece na obra freudiana representando o funcionamento psíquico na sua forma mais extrema, quase podemos dizer, submetida ao puro princípio do prazer-desprazer. É isso que o Freud chama de processo primário de pensamento, que pode ser sintetizado em duas tendências: a) reinvestir traços de percepção para repetir uma satisfação b) A tarefa que o eu se impõe, em sua atitude defensiva, de tratar a representação incompatível como “*non-arrivé*”, simplesmente não pode ser realizada por ele. (1896, p.60)

No entanto, repetir uma percepção pela via alucinatória não produz satisfação. É só a frustração diante dessa satisfação não encontrada que faz com que o se abandone a tentativa alucinatória de satisfação. Claro está que se a satisfação por meio da alucinação fosse possível, o psiquismo entraria -ou jamais sairia- de uma repetição eterna. É a frustração, então, que obriga o aparelho psíquico a se adequar ao mundo, ou melhor, que o psiquismo se empenhe em alterar o mundo para obter satisfação. Assim se instaura o princípio de realidade. Desde os primeiros textos, onde esse princípio de realidade aparece, Freud sempre destacou que ele não se opõe ao princípio do prazer, ao contrário, ele é a possibilidade mesmo do princípio do prazer operar. Uma vez que o princípio do prazer “para a autoafirmação do organismo em meio às dificuldades do mundo externo, já de início é inutilizável e mesmo perigoso em alto grau.” (1920). No entanto, a transformação do princípio do prazer em princípio de realidade não se dá de maneira uniforme, nem em todas as instâncias da vida psíquica. O princípio do prazer continua sendo “por longo tempo ainda, o modo de trabalho das pulsões sexuais difíceis de “educar”, e sempre volta a ocorrer que, seja a partir dessas últimas, seja no próprio Eu, ele vence o princípio de realidade, em prejuízo do organismo inteiro”.

No Vocabulário de psicanálise, curiosamente, para fundamentar a aproximação entre recusa e psicose, não é utilizada nenhuma das passagens por nós utilizadas sobre a psicose alucinatória. A ocorrência escolhida para justificar tal aproximação é do texto *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, e diz o seguinte: “a mulher ingressa no processo que eu gostaria de chamar de recusa [Verleugung], que não parece ser nem raro nem muito perigoso na vida anímica da criança, mas que, no adulto, poderia iniciar uma psicose.” (1925, p. 265).

Sem dúvida essa citação mostra uma relação entre psicose e recusa. No entanto, a escolha é estranha, ela não parece se encaixar muito bem com a definição do dicionário, que coloca a recusa como um mecanismo particular da psicose e do fetichismo. A passagem supracitada, assim como toda a discussão do texto, expressa claramente que o recusa não é raro e nem perigoso na infância. Que num adulto um tal processo possa desencadear uma psicose, não significa de maneira nenhuma que o mesmo se dê na infância. É o mesmo oposto que está apresentado no texto. Um problema análogo está colocado no Fetichismo.

A certa altura do texto, depois de relacionar a formação do fetiche com a ameaça de castração, Freud diz que “o esclarecimento do fetiche tem ainda um outro interesse teórico”. Então, são apresentados dois casos de meninos que desmentem uma parcela da realidade, a morte dos pais, e não desenvolvem uma psicose. “Portanto, é certo que uma importante parte da realidade foi recusada [verleugnet] pelo Eu, como o faz o Eu do fetichista com o fato desagradável da castração da mulher.”. Então, Freud chega, no nosso entender, ao problema central do texto. Problema que se aproxima em larga medida do problema aqui colocado em *Algumas consequências psíquicas* sobre a recusa não ser raro na infância. “[é] permitido a uma criança aquilo que no adulto seria punido com grave prejuízo.”. Nada é dito sobre qual seria esse prejuízo no texto, mas tudo nos leva a crer que seja a psicose, tal como na passagem do texto *Algumas consequências psíquicas*.

Desse modo, parece haver pouco sentido a restrição que a tradição crítica faz sobre a recusa. O mecanismo de defesa não é uma exclusividade nem do fetichismo nem da psicose. Podemos tomar outra definição de pesquisadores influentes da psicanálise para ilustrar a posição quase unânime da crítica quanto a essa questão. No muito breve verbete sobre a renegação [recusa] no Dicionário de psicanálise de Roudinesco e Plon, encontrar-se a seguinte definição:

Freud definiu a renegação como um mecanismo perverso através do qual o sujeito faz com que coexistam duas realidades contraditórias: a recusa e o reconhecimento

da ausência do pênisna mulher. Daí o fato de a clivagem do eu não mais caracterizar unicamente a psicose, mas também a perversão. (p. 656)

Desse modo, todos os pesquisadores consultados se recusam a incluir a recusa como um mecanismo comum. Esse posicionamento talvez possa ser explicado pelo fetiche do clássico exemplo do texto de 1927. Pode ser que o brilho do nariz tenha capturado a tentação da crítica, de modo que toda ela ficou fixada no fetiche e não pode perceber o problema metapsicológico, que afinal era a principal questão do texto. Outro exemplo da problemática recepção do texto se encontra na Standard Edition. No volume XIV, no qual reúnem os primeiros textos metapsicológicos, há um apêndice feito pelos editores com uma listagem dos textos metapsicológicos. Na lista se encontram listados 26 textos, a lista, que se pretende exaustiva, é bastante completa, inclui desde a uma carta a Fliess até capítulos isolados de livros. O que nos chama a atenção nessa lista, no entanto, é a ausência do texto *Fetichismo* assim como a *Cisão do eu* como mecanismo de defesa. Essa ausência não parece-nos uma questão sem importância. A exclusão parece demarcar o caráter não universal do problema levantado no fetiche. Se o texto de 1927 dissesse respeito apenas à excentricidade de alguns sujeitos isolados, não haveria razão para considerá-lo um texto metapsicológico. Compreendendo-se aqui que a metapsicologia trata da estrutura geral do funcionamento psíquico.

Segundo Paul-Laurent Assoun, em *Dictionnaire des oeuvres psychanalytiques* (2009), antes da publicação do texto *A Negação* em 1925, Freud teria feito uma versão anterior, cujo título era “Die Verneinung und Verleugnung” (*A negação e a recusa*). Freud, porém, resolveu se limitar ao primeiro conceito e deixou o segundo para tratar no texto o *Fetichismo*. Se o título tivesse sido *Verleugnung* e não *Fetichismus*, talvez houvesse uma recepção diferente da obra. Acreditamos que o interesse fundamental do trabalho repousa sobre esse mecanismo de defesa, a recusa. No texto de 1927, encontramos a mesma ênfase dada ao caráter não raro e nem muito perigoso desse mecanismo, presente em *Algumas consequências psíquicas*. Assim, longe de querer restringir o desmentido, Freud parece antes assumir o seu caráter comum, característica que fica ainda mais acentuada no texto *A cisão do Eu como mecanismo de defesa*. Nesse sentido, o texto *O fetichismo*, tal como a indicação de Assoun aponta, parece ter mais em vista o mecanismo de defesa do que propriamente uma perversão.

A problemática do texto de 1927, desse modo, se coloca na linha que perpassa o *Neurose e psicose* e *A perda da realidade na neurose e na psicose*, isto é, uma revisão da metapsicologia.

Comecei a perceber também que acontecimentos semelhantes na infância de modo algum são raros e pude me convencer do meu erro na caracterização da neurose e da psicose. Mas, na verdade, havia uma informação em aberto: minha fórmula precisava apenas ser válida onde houvesse um grau mais elevado de diferenciação no aparelho psíquico; seria permitido a uma criança aquilo que no caso do adulto seria punido com grave prejuízo. (1927, p. 320)

A questão do Fetichismo é exatamente a mesma que a dos textos de 1924, a diferenciação do funcionamento psíquico da neurose e da psicose. O fetichismo, por sua vez, circunscreve um problema adicional nessa diferenciação. A criança pode desmentir uma parte da realidade, tal como na psicose, mas sem ser “punida com grave prejuízo”. A recusa não é um especificada do fetichismo, é antes o modo como a criança se afasta da realidade desagradável, isto é, a castração.

A criança ao mesmo tempo se submete e não se submete à terrível realidade. Parece mesmo que a criança não tem outra saída que não essa. Tanto nesse texto como no *Perda da realidade* é a ameaça de castração a “realidade” que empurra a criança para essa divisão. No caso do *fetichismo*, o menino recusa a castração, no caso da *Algumas diferenças anatômicas*, a menina. Ou seja, os dois sexos coincidem neste ponto, eles se dividem diante da castração. Cabe aqui destacar que a recusa não opera sobre qualquer acontecimento, não é o modo próprio infantil de lidar com o mundo circundante. A recusa tem antes um uso muito preciso, diz respeito à relação da criança com os pais. Mais precisamente, a recusa é o modo como a criança lida com esta contradição que é o complexo de Édipo. Cabe lembrar, nesse sentido, que o declínio do complexo de Édipo não significa um recalçamento das moções pulsionais edípicas, nem, por outro lado, que o complexo de Édipo se torna inconsciente. “No caso normal, melhor dizendo: no caso ideal, também não existe mais nenhum complexo de Édipo inconsciente; o Supereu tornou-se seu herdeiro.” (1925, p. 270)

Acreditamos assim nos aproximar do problema colocado por Freud em mais de uma ocasião: “É bem possível que antes da nítida separação entre eu e isso, antes da formação de um supereu, o aparelho psíquico pratique métodos de defesa diferentes dos praticados após atingir esses níveis de organização.” A recusa é justamente o mecanismo que é “permitido a uma criança”, enquanto para um adulto poderia desencadear uma psicose. Poderíamos mesmo nos perguntar se não seria a recusa o mecanismo que possibilitaria a divisão do aparelho psíquico nas três instâncias, Isso, Eu Supereu. Esse problema, no entanto, exigiria um outro estudo. Mas talvez seja de algum proveito nos aproximar do último texto aqui apresentado com essa suposição em mente.

IV. 4. A criança pode o que o adulto não pode

Cabe ainda destacar o trabalho de André Bourguignon sobre o conceito de recusa em Freud. Em 1991 foi publicado no Brasil uma coletânea de artigos do pesquisador francês, nesta se encontram três artigos publicados em diferentes momentos (1968, 1977 e 1980) sobre a relação de Freud e René Laforgue. É o último e maior artigo que dá o nome a coletânea, *O conceito de renegação em Freud*. Segundo Bourguignon um dos objetivos do texto de 1927 seria responde ao artigo de Laforgue publicado em 1926 na *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse, Verdrängung und Skotomisation* [recalque e escotomização].

Da considerável troca de cartas entre Freud e Laforgue o tema mais discutido foi, de longe, a escotomização. Em umas das cartas (1925) encontramos a seguinte formulação de Laforgue a respeito da esquizofrenia: “Acreditamos poder ligar o desconhecimento da realidade à escotomização, que corresponde ao desejo infantil, e *portanto não recalado*, de não reconhecer o mundo externo, mas de colocar no lugar dele o próprio Eu.” (1977, p. 36)

Para Laforgue, então, a escotomização se inscreve como uma crítica direta ao conceito de recalque. Por mais que Freud diga não entender o conceito de escotomização, parece que a correspondência epistolar e o trabalho publicado por Laforgue não foram sem efeitos para a teoria freudiana. Além de comentar sobre esse conceito no fetichismo, Freud tece um breve comentário sobre o conceito utilizado por Laforgue em *Inibição, sintoma e medo*. Nas duas oportunidades critica o conceito. No entanto, uma questão parece permanecer nessa discussão: a criança parece dispor de um mecanismo de defesa diferente do adulto. Para se contrapor a escotomização, no entanto, Freud utiliza o conceito de recusa.

Escotomização me parece particularmente inadequado, pois evoca a ideia de que a percepção foi inteiramente apagada, de modo que seu resultado seria o mesmo de quando uma impressão visual incide sobre o ponto cego da retina. Mas nossa situação mostra, ao contrário, que a percepção permaneceu e que foi empreendida uma ação muito enérgica para sustentar a sua recusa da realidade [ihre Verleugnung] (1927, p. 317)

No entanto, esse conceito que já havia sido utilizado para se referir ao afastamento da realidade por parte da psicose alucinatória (1911) parece receber uma nova dimensão. A recusa, pois, após o diálogo com Lafourge, para ser não mais um mecanismo característico da psicose alucinatória. A criança dispõe também desse mecanismo, porém de uma maneira diferente. É nítida a diferença na utilização do conceito de recusa nos textos de 1911 e 1917, e, nesse segundo momento, concomitante à discussão com Laforgue, *Algumas consequências*

psíquicas e Fetichismo. Podemos dizer, então, que da discussão com Laforgue resultou essa importante mudança na teoria freudiana. Após essa passagem sobre a importância dos estudos de Laforgue e da evidente mudança no conceito de recusa, podemos nos aproximar do texto que consuma todo esse movimento, a saber, a cisão do eu como mecanismo de defesa.

IV. 5. A cisão do Eu

O texto *A cisão do eu como mecanismo de defesa* é um manuscrito que Freud deixou inacabado. A sua relevância, porém, foi sempre reconhecida. Prova disso, sua primeira publicação foi em 1940, apenas um ano depois da morte de Freud, na *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*. Apesar do texto ser em larga medida conhecido, parece que a crítica não encontrou nada de radicalmente novo nesse ensaio. Há uma certa sutileza no nome do ensaio, que não pode ser deixada de lado, a cisão do eu é próprio mecanismo de defesa, e não a recusa.

O texto de 1938 retoma o problema da recusa tal como ele aparece nos textos *Fetichismo e Diferença anatômica*. Assim como nesses ensaios, o interesse do manuscrito inacabado é circunscrever o modo como esse mecanismo tem lugar na infância. Além disso, a estrutura narrativa do texto se aproxima, em certo sentido, do texto de 1927, nos dois ensaios Freud se vale de um único exemplo paradigmático, quase poderíamos dizer, um tipo ideal weberiano. Talvez esse recurso de usar um caso para demonstrar uma estrutura geral tenha feito a crítica considerar o mecanismo como uma excentricidade de alguns e não um funcionamento geral. Essa estrutura do texto difere consideravelmente da grande maioria dos textos metapsicológicos, que são, de um modo geral, destituídos de casos clínicos.

De início o ensaio coloca o problema de uma forma geral e impessoal. “Finalmente me dei conta de que o jovem Eu da pessoa, que décadas depois conheceremos como paciente analítico, portou-se de maneira singular em determinadas situações de pressão.” (p. 199) A impessoalidade mesmo com que é colocado o problema, ‘jovem Eu da pessoa’ e ‘paciente analítico’, anuncia o caráter universal do problema que será apresentado. Logo em seguida é dito ser preferível destacar um “caso isolado e nitidamente circunscrito”. O Eu da criança se vê subitamente constrangido a abandonar uma poderosa exigência pulsional que até o momento estava acostumado a satisfazer. “Ele deve então decidir: ou reconhece o perigo real,

curva-se diante dele e renuncia à satisfação pulsional, ou recusa a realidade e convence-se de que não há o que temer, de modo a poder ater-se à satisfação.” A criança, no entanto, faz as duas coisas ao mesmo tempo. É o mecanismo da recusa que permite que ela não aceite a proibição. Se o processo consistisse somente na não aceitação da realidade, poderíamos dizer que em nada se diferenciaria da psicose alucinatória, porém, a criança faz algo mais do que simplesmente negar a realidade. “no mesmo fôlego, reconhece o perigo da realidade, assume o medo desse perigo como um sintoma de sofrimento e posteriormente tenta se livrar dele.” (p. 200)

Se no caso da psicose alucinatória, o psicótico se afasta da realidade e a recria a partir do seu mundo de desejos, no caso da criança, podemos dizer, a realidade fica no mesmo lugar. O psicótico ao recusar perde a realidade, enquanto a criança perde outra coisa, a unidade do Eu.

Deve-se admitir que se trata de uma solução muito perspicaz da dificuldade. Ambas as partes litigantes obtiveram sua cota: a pulsão pode conservar sua satisfação e à realidade foi tributado seu devido respeito. Mas, como se sabe, tudo tem seu preço. O resultado só é atingido às custas de uma fenda no Eu [Einriss im Ich], a qual nunca será curada, mas crescerá com o passar do tempo (p. 200)

A cisão do eu garante que a satisfação continue e que a proibição por parte da realidade seja respeitada. Desse modo, o afastamento da realidade operado por meio desse mecanismo difere tanto da neurose como da psicose: “Gostaríamos de saber sob quais circunstâncias e por quais meios o Eu consegue sair ileso, sem adoecer, desses conflitos que, indubitavelmente, estão sempre presentes.” (1924, p. 275) Assim parecemos retornar ao problema colocado no final do texto *Neurose e psicose*, como o recurso da divisão o Eu não fracassa em conciliar as exigências do Isso e da realidade. “[É] possível ao Eu evitar a ruptura de qualquer um dos lados, deformando-se a si mesmo, deixando-se perder sua unicidade e, eventualmente, até segmentando-se e cindindo-se.” (p. 275) Vale destacar que o mecanismo não deve ser entendido como a formação de uma segunda consciência, tal como defendida por Janet. Não se trata de duas consciências separadas, que revezam entre si o domínio da vida psíquica.

Podemos apresentar o exemplo ideal colocado por Freud com o intuito de elucidar tal funcionamento psíquico. Um menino de três ou quatro anos passa por um episódio de sedução por parte de uma menina mais velha. Após o fim da relação entre ambos, o menino “seguiu com a excitação sexual adquirida através” da masturbação. Em seguida, o menino é

subitamente apanhado pela babá e ameaçado de castração. A realidade aterrorizante que precisa ser recusada, então, é a mesma do texto de 1927, a ameaça de castração.

Há, no entanto, uma sutileza no nome do ensaio que não pode ser deixada de lado, a cisão do Eu é próprio mecanismo de defesa, e não só a recusa. Talvez essa seja a grande diferença entre a criança e o adulto. Diante da realidade insuportável, no caso da criança, dois mecanismos de defesa são acionados, a recusa e a cisão do Eu; já o adulto não dispõe desse segundo. Parece ser justamente pela ausência da possibilidade da cisão que a recusa no adulto desencadeia a psicose. Nesse sentido, cabe ainda perguntar: visto que a recusa é o mecanismo de defesa contra a realidade insuportável, a cisão do Eu é uma defesa contra o que? Contra a própria recusa que teria como consequência um afastamento da realidade? Não podemos responder a essas perguntas no momento, entretanto, parece que a cisão do Eu garante que a realidade insuportável, isto é, esse impedimento exterior, não ponha fim à poderosa exigência pulsional.

Nesse ponto chegamos a um impasse, a ameaça de castração sem dúvida é um operador universal do funcionamento psíquico, mas e o fetichismo? Não fica claro no texto que o fetichismo seja a saída comum da ameaça de castração e o mundo não parece ser povoado por fetichistas no sentido clássico. No entanto, podemos nos perguntar se a operação de deslocamento de valor que acontece no fetichismo, não poderia ser, também, parte do funcionamento comum da criança.

Outra coisa tomou o seu lugar, pode-se dizer que ela foi nomeada para ser seu substituto, que agora é o herdeiro do interesse anteriormente dirigido ao primeiro. Esse interesse experimenta, no entanto, um aumento extraordinário, porque o horror à castração ergueu para si um monumento na criação desse substituto. (1927, p. 318)

Ora, não parece absurdo supor que seja esse um deslocamento de valor para um substituto que permita que esse “primeiro e mais forte objeto amoroso”, isto é, a mãe, seja “fixado de modo inalterado por toda a vida”. Caso alguém objete que essa operação fetichista não parece ser tão banal assim, podemos recorrer ao clássico exemplo do texto de 1927. O fetiche em questão não é nenhuma peça indumentária ou qualquer coisa estranha, como habitualmente aparecem nos casos fetichistas, mas um simples brilho no nariz. Além do mais, esse fetiche, “puro ser de linguagem” (VALAS, 1986), só é percebido pelo fetichista. Pode muito bem ser que cada sujeito tenha o seu desejo movido por algum brilho em particular, seja ele nos olhos ou no nariz. Parece ser nesse sentido que Lacan, seminário 10, se vale do

fetichismo para desvelar a dimensão do objeto como causa do desejo, este autor pontua: “O que se deseja? Não é o sapatinho, nem o seio, nem seja o que for em que vocês encarnem o fetichismo. O fetichismo é a causa do desejo. O desejo, por sua vez, agarra-se onde puder” (1963, p. 116).

Fugiria demasiado da nossa pesquisa entrar na obra de Lacan nesse ponto. Cabe apenas pontuar que pretendemos dar continuidade a pesquisa a partir do modo como que as perversões aparecem na obra de Lacan. Nesse sentido, podemos apenas destacar que a perversão, na obra deste do psicanalista francês, revela a articulação do desejo com a lei. Na mesma lição da passagem supracitada sobre o fetichismo, encontramos um comentário sobre o complexo de Édipo, o mito central da psicanálise, para Lacan. O complexo tem como função justamente destacar que o desejo e a lei são a mesma coisa. Porém, não o mesmo como o direito e o avesso, mas antes, “somente a função da lei traça o caminho do desejo” (1963, p. 120). Desse modo, o desejo é idêntico à função da lei, “se tudo se organiza em torno do desejo pela mãe, se devemos preferir que a mulher seja outra que não a mãe, que quer dizer isso, senão que o mandamento se introduz na própria estrutura do desejo?” (1963, p. 120). Outro texto de 1938, igualmente inacabado, pode nos ajudar na aproximação entre os problemas apresentados no *Fetichismo* e na *Cisão do Eu*, o *Esboço de psicanálise* (1938).

IV. 6. A cisão do Eu como funcionamento geral da vida psíquica

No capítulo “O aparelho psíquico e o mundo exterior” do *Esboço de psicanálise*, Freud utiliza o conceito de cisão do Eu para explicar o fetichismo. Contudo, é dito que o fetichismo não é um caso excepcional em relação à cisão do Eu, mas apenas o objeto de estudo favorável para destacar esse mecanismo. No texto de 1938, está mais uma vez em questão o problema do afastamento do sujeito da realidade. No entanto, o texto traz uma nova questão à discussão, mesmo na psicose a realidade recusada deixa restos. Ao contrário da neurose, na qual a moção recalçada retorna, na psicose é a realidade recusada que assombra o sujeito. Percebemos, pois, que o sujeito não tem forças suficientes nem para afastar realidade e nem as moções pulsionais que tem origem no Isso.

Nessa sequência, para demonstrar o retorno da realidade, Freud se vale mais uma vez do modelo mais acentuado de afastamento da realidade, isto é, a amênia. Descobrimos que “uma pessoa normal se escondia em algum recôndito de sua alma, segundo suas próprias palavras, a qual, tal qual um observador imparcial, deixava o fantasma de sua doença passar

através dela” (1983, p. 165). Ou seja, mesmo no caso mais extremo do funcionamento psíquico, a psicose alucinatória (amênia), a realidade recusada não é completamente afastada. Freud diz, portanto, que o mesmo pode ser encontrado em outras psicoses.

Podemos provavelmente deduzir como válido, de um modo geral, que o que ocorre em todos esses casos é uma cisão psíquica. Duas atitudes psíquicas formaram-se, em vez de uma só; uma que leva em conta a realidade, a normal, e outra que, sob a influência das pulsões, separa o Eu da realidade. Ambas coexistem lado a lado. O desfecho depende da força relativa de cada uma. Se a última é ou se torna a mais forte, está dada a condição para a psicose. Se a relação se inverte, resulta então uma cura aparente da afecção delirante. Na realidade, ela apenas recuou para o inconsciente, tal como se deve deduzir de numerosas observações, em que o delírio já preexistia, pronto, muito antes de sua manifesta irrupção”(1938, p.165)

Considerando a hipótese de a cisão do Eu estar presente em todas as psicoses, é dito que tal ponto de vista poderia não receber tanta consideração se o mesmo processo não se “mostrasse condizente com outros estados mais semelhantes às neuroses ou se mostrasse ao final compatível com essas últimas. Convenci-me disso inicialmente a partir de casos de *fetichismo*” (1938, p. 165). Assim, pode-se perceber uma patente tentativa de Freud de estender a divisão psíquica também para as neuroses. Nesse contexto, a reaparição do problema do fetichismo ratifica a nossa hipótese, nesse caso, a função do texto de 1927 é a de reelaborar a questão do afastamento da realidade. Diferente da psicose, na qual a realidade rechaçada permanece escondida em algum canto recôndito da alma, no fetichismo a cisão do Eu possibilita que as duas tendências contraditórias coexistam lado a lado. Nesse sentido, essa existência simultânea das duas tendências contraditórias "nos permite entender que o fetichismo tão frequentemente se desenvolve somente de modo parcial” (1983, p. 169). Essa ideia do fetichismo parcial pode nos auxiliar na aproximação entre o declínio do complexo de Édipo e do fetichismo propriamente dito. No caso fetichismo parcial,

“[o fetiche] não domina a escolha de objeto de modo exclusivo, mas cede espaço para um comportamento sexual normal em maior ou menor medida; às vezes, na verdade, recolhe-se a um papel modesto ou se limita a uma mera alusão. O desligamento do Eu em relação à realidade do mundo exterior nunca alcançou êxito completo no caso do fetichista.” (1983, p. 169)

Dessa forma, o comportamento sexual normal não está isento de traços fetichistas, ainda que esses tenham um papel modesto na escolha do objeto. Ademais, retornando ao problema do Eu da criança que, sob o imperioso domínio do mundo real, afasta as exigências pulsionais. Freud é muito claro nesse ponto, ratificando que “tais recusas ocorrem com muita frequência, não somente com fetichistas e, sempre que nos vemos em condições de

estudá-las, elas se apresentam como meias-medidas, tentativas mal-sucedidas de desligamento da realidade” (1983, p. 196). Portanto, o desligamento é mal-sucedido justamente porque a realidade continua a se impor, o Eu não deixa de reconhecê-la, nem de se curvar à temível realidade.

Desse modo, toda a construção freudiana parece indicar que a cisão do Eu é o modo como a criança pode lidar com a renúncia pulsional exigida pelo complexo de Édipo. Por um lado, ela se submete à ameaça de castração, por outro, ela desloca o investimento objetal da mãe para outro objeto. Podemos retomar uma alusão feita ao texto *Luto e melancolia*, quando a libido é recolhida de algum objeto perdido de volta para o Eu, ela retorna sempre com traços do objeto abandonado. Essas marcas do objeto perdido podem se tornar identificações do Eu ou serem direcionadas para um outro objeto. Do mesmo modo, o primeiro objeto perdido, que é menos a mãe empírica do que o modo como a criança a experiencia na infância, parece deixar traços indeléveis que acabam por determinar, de modo inconsciente, as escolhas amorosas do sujeito. Nos deparamos, portanto, com uma das características mais perturbadoras da vida psíquica, tudo o que o sujeito experienciou continua a existir de algum modo. Dessa maneira, nada é inteiramente apagado, nenhum objeto de amor pode ser inteiramente desinvestido. Segundo Freud:

não importa o que o Eu empreenda em seus esforços por defesa, se é recusar uma parte do mundo exterior real ou rechaçar uma exigência pulsional vinda do mundo interior, o resultado nunca é completo, sem resto; sempre resultam daí duas atitudes opostas, das quais também a derrotada, a mais fraca, leva a complicações psíquicas. É necessário, para concluir, somente apontar o quão pouco de todos esses processos se torna conhecido a nós através da percepção consciente (1983, p. 171)

Desse modo, podemos dizer que nenhuma operação da vida psíquica é isenta de restos. Tudo o que o sujeito viveu continua a existir, ainda que somente “como um sonho de uma sombra” (Sófocles). Nesse sentido, o que parece determinar o adoecimento psíquico não é exatamente o retorno do recalçado, mas a incapacidade do Eu de conviver ou de dar um outro sentido qualquer para esse resto inevitável.

Considerações Finais

O mecanismo da cisão do Eu, apesar de ter aparecido somente nos últimos texto de Freud, pode ser considerado um dos conceitos mais relevantes da teoria freudiana. Tal como indicado no oitavo capítulo do *Compêndio de psicanálise*, a cisão está presente em todas as chamadas estruturas clínicas, a saber, a neurose, a psicose e a perversão. Além disso, essa divisão parece não incidir somente sobre o Eu, tanto o objeto de amor quanto aquele que opera a ameaça de castração parecem ser igualmente divididos por esse mecanismo. No caso do primeiro objeto de amor, isto é, a mãe, a divisão pode ser percebida mais facilmente. Todas as escolhas subsequentes de objetos amorosos parecem ter sido fixadas por esse primeiro objeto de amor. Nesse sentido, o modo como o investimento da mãe persiste na vida psíquica não é difícil de ser encontrado.

O sujeito nunca deixar de tentar reencontrar esse objeto primordial, é um tema já muito explorado na psicanálise. Curiosamente, no entanto, a instância do interditor, aquele que impede o acesso a mãe, também se divide e continua a assombrar o Eu. Nos clássicos casos de neuroses de angústia apresentados por Freud (*Homem dos lobos* (1918); *O pequeno hans* (1909) e *O homem dos ratos* (1909)), o trabalho analítico demonstrou que a hostilidade e o medo direcionados ao animal fóbico são, em última instância, deslocados da figura paterna. Nesses casos, não é difícil perceber uma divisão da representação da figura parental. O processo que salva a figura paterna da moção hostil, por parte da criança, parece ser o mesmo que aquele que desvia a moção sexual da figura materna. Cabe ainda ressaltar que mesmo o animal fóbico não é poupado da divisão. Ao lado do medo que a criança sente do animal encontram-se sempre a curiosidade e o interesse.

Além da valiosa contribuição que a neurose de angústia nos traz sobre o problema da divisão da figura paterna, temos um outro exemplo na literatura freudiana que nos ajuda nessa discussão. No texto, não muito discutido pela literatura psicanalítica, *Uma neurose demoníaca do século XVII* (1923) encontramos a melhor exemplificação da divisão da figura paterna na obra freudiana. “Essa história clínica demonológica”, diz Freud, “traz realmente um achado valioso, fácil de ser reconhecido sem muita interpretação, tal como muitas jazidas fornecem metal puro que, em outros casos, precisa ser extraído pelo derretimento do minério, com muita dificuldade” (1923, p. 218). Nesse texto, é narrada a história de um pacto com o diabo, este oferece as coisas mais apreciadas pelos homens ao pintor Christophe Heitzmann: “riqueza, segurança contra o perigo, poder sobre os homens e sobre as forças da natureza, até mesmo artes mágicas e, acima de tudo: a fruição de belas mulheres” (FREUD, 1923, p. 224).

No entanto, o pintor recusa tudo, e o motivo pelo qual o pintor, finalmente, cede e troca sua alma imortal é: “o diabo se obriga a substituir, por nove anos, o pai perdido do pintor” (1923, p. 228). Tal pacto soa estranho, à primeira vista. Cabe aqui acompanhar a explicitação de Freud:

Se o Deus bom e justo é um substituto do pai, então não devemos nos surpreender com o fato de que também a posição hostil que o odeia, que o teme e dele reclama tenha encontrado expressão na criação do Satã. Portanto, o pai seria a imagem primordial individual tanto de Deus quanto do Diabo. Mas as religiões permaneceriam sob o efeito inextinguível do fato de que o pai primevo era um ser ilimitadamente maligno, menos semelhante a Deus do que ao Diabo (1923, p. 233)

Na neurose demoníaca do pintor Ch. Heitzmann, essa ambivalência em relação ao pai se expõe “a céu aberto”, muito diferente das neuroses de angústia, em que é preciso um longo trabalho para traçar a ligação do animal ameaçador com o pai. Nesse caso, o diabo e o pai se apresentam na mesma figura [Gestalt]. Ou seja, trata-se de uma divisão da representação em conteúdos opostos, “não há nenhuma dificuldade em reconhecer partes cindidas [Abspaltungen] do pai”(1923, p. 233). Outro aspecto que nos interessa no mesmo ensaio é a relação da figura do pai com a ameaça de castração. O diabo, substituto do pai, aparece com características femininas, o que faz clara alusão à ameaça de castração, como enfatiza Freud: “a recusa da posição feminina é, portanto, a consequência da revolta contra a castração e, em geral, ele encontra sua expressão na fantasia inversa, a castração do pai, de transformá-lo em mulher” (1923, p. 238).

Esses dois aspectos – a cisão da representação do pai e o pai castrado – nos remetem ao conceito de recusa (*Verleugnung*), este tematizado nos textos *Fetichismo* e a *Cisão do Eu como mecanismo de defesa*. Desse modo, podemos ler o mecanismo de defesa, que Freud descreve como a cisão do Eu, não apenas como a defesa de alguns indivíduos em particular ante o conflito entre a exigência de renúncia de uma satisfação incompatível com a lei e a exigência de preservação dessa satisfação, mas como a defesa fundamental que constitui o sujeito e o laço social. Nesse sentido, a renúncia pulsional como condição da civilização e do laço social é uma tese formulada em vários textos de Freud. No entanto, o que está em jogo na cisão do Eu é não somente uma renúncia, mas “no mesmo fôlego” uma recusa da renúncia, desmentindo a castração que o ameaça. Há sempre um resto que insiste em não se submeter à renúncia. Há uma condição para haver sociedade, ou seja, a renúncia pulsional; isso não é nenhuma novidade trazida pela psicanálise. Toda a tradição filosófica, sobretudo a religiosa, já viam na renúncia pulsional o objetivo e a fonte da civilização. O que a psicanálise traz de

novo é que há sempre, além da renúncia pulsional, uma recusa da renúncia. Portanto, ante a renúncia pulsional exigida pela ameaça de castração, a criança se submete e não se submete, ela se divide.

Referências bibliográficas

BERCHERIE, P. (1985). *Os Fundamentos da Clínica - história e estrutura do saber psiquiátrico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

BORGES, J. L. *O livro dos seres imaginários*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. P. 28.

BOURGUINGNON, A. *O Conceito de Renegação em Freud e outros ensaios*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

BUCHENAU, S. (1969) *Entre medicina e filosofia: Sulzer -- Herder -- Kant -- Maimon*. —São Paulo: Editora Clandestina, 2019.

CANGUILHEM, G. (1943) *O normal e o patológico*. Trad. Maria Barrocas. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2000. 5ª Edição.

CONDILLAC, E. B.(1753). *Tratado das Sensações*. Tradução: Denise Bottmann. Campinas: Editora Unicamp, 1993a.

DE CERTEAU, M. (1983). A história, ciência e ficção. In: DE CERTEAU, M. *História e psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2011. 2ª Edição.

_____. (1978). Psicanálise e História. In:_____ DE CERTEAU. *História e psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. 2ª Edição.

_____. (1981). O “romance” psicanalítico. História e literatura. In:_____ DE CERTEAU. *História e psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2011. 2ª Edição.

FOUCAULT, M. (1976). *História da sexualidade, a vontade de saber*. São Paulo: Ed. Terra e paz, 2014. 9ª Edição.

_____. (1957). A psicologia de 1850 a 1950. In: FOUCAULT, M. *Ditos & Escritos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. 2ª Edição.

_____. (1954). *Doença mental e psicologia*. Trad. Lilian Rose Shalders. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000. 6ª Edição.

_____. (1971). Nietzsche, a genealogia e a história. In: FOUCAULT, M. (autor). *Microfísica do Poder*. São Paulo: Graal, 2012. 25ª Edição.

FREUD, S. (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: SOUZA, P. C. S. *Obras completas volume 6*. 1º ed - São Paulo: Companhia das letras, 2016.

_____. (1913). *Totem e Tabu*. Porto Alegre: L&PM, 2013. 256 p.

_____. (1917). Uma dificuldade da psicanálise. SOUZA, P. C. (tradução). In: S. Freud [Autor], *Obras completas*, v. 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1917). Luto e Melancolia. In: _____. *Neurose, Psicose, Perversão*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. (Obras Incompletas de Sigmund Freud).

_____. (1924). Neurose e Psicose. In: MORAES, M. R. S. (tradução). *Neurose, Psicose, Perversão*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. (Obras Incompletas de Sigmund Freud).

_____. (1922-23). Uma neurose demoníaca no século XVII. In: _____. *Neurose, Psicose, Perversão*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. (Obras Incompletas de Sigmund Freud).

_____. (1924). A Perda da realidade na neurose e psicose. In: _____. *Neurose, Psicose, Perversão*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. (Obras Incompletas de Sigmund Freud).

_____. (1924). O declínio do complexo Édipo. In: _____. *Neurose, Psicose, Perversão*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. (Obras Incompletas de Sigmund Freud).

_____. (1924). Neurose e psicose. In: _____. *Neurose, Psicose, Perversão*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. (Obras Incompletas de Sigmund Freud).

_____. (1924). A perda da realidade na neurose e na psicose. In: _____. *Neurose, Psicose, Perversão*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. (Obras Incompletas de Sigmund Freud).

_____. (1924). O problema econômico do masoquismo. In: _____. *Neurose, Psicose, Perversão*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. (Obras Incompletas de Sigmund Freud).

_____. (1925). A negação. In: _____. *Neurose, Psicose, Perversão*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. (Obras Incompletas de Sigmund Freud).

_____. (1927). Fetichismo. In: _____. *Neurose, Psicose, Perversão*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. (Obras Incompletas de Sigmund Freud).

_____. (1938). A cisão do Eu como processo de defesa. In: TAVARES, P. H. (tradução). *Compêndio de Psicanálise e outros escritos inacabados*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

_____. (1908). Moral Sexual Cultural. In: MORAES, M. R. S. (tradução). *O Mal-estar na cultura e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

_____. (1914-1916). Introdução ao narcisismo. In: ensaios de metapsicologia e outros textos.. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Vol. XI. (Obras Completas de Sigmund Freud).

_____. (1919). O Estranho. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 Vol. XI. (Obras Completas de Sigmund Freud).

_____. (1921). *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Vol. XVIII. (Obras Completas de Sigmund Freud).

_____. (1939). *O Homem Moisés e a religião monoteísta*. Porto Alegre: L&PM, 2014. (Série Freud).

_____. (1914-16). Introdução ao narcisismo. In: SOUZA, P. C. (tradução). *Ensaio de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Vol. XI. (Obras completas de Sigmund Freud).

_____. (1918). *O Tabu da Virgindade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Vol. XI. (Obras completas de Sigmund Freud).

_____. (1919). O Estranho. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 Vol. XI. (Obras completas de Sigmund Freud).

_____. (1921). *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Vol. XVIII. (Obras completas de Sigmund Freud).

_____. (1923). O Eu e o Isso. Obras Completas de Sigmund Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Vol. XIX, p. 3-66.

_____. (1927). O Futuro de uma Ilusão. Obras Completas de Sigmund Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Vol. XXI.

_____. (1930). O mal-estar na cultura. Obras Completas de Sigmund Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Vol. XXI.

_____. (1938). A cisão do Eu como processo de defesa. Compêndio de Psicanálise e outros escritos inacabados. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

_____. (1939). Moisés e a religião monoteísta. Obras Completas de Sigmund Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Vol. XXIII.

_____. (1920). Além do Princípio de Prazer. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

_____. (1915) Neurose de Transferência: Uma Síntese (manuscrito recém descoberto). Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. (1989). Freud: *O Movimento de um pensamento*. Campinas: Editora Unicamp, 2014.

GIACOIA, O. J. Além do princípio do prazer: um dualismo incontornável. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2008.

IBERTIS, C. Condillac e Freud: O prazer enquanto princípio. In: MONZANI, L. R. & SORIA, A. C. S. *Filosofia e Psicanálise*. São Carlos: Edufscar, 2019.

LACAN, J. (1963). *O Seminário livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LAPLANCHE & PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 4 ed.

MONZANI, L. R. Desejo e Prazer na idade moderna. Curitiba: Champagnat- PUCPR, 2011.

POE, E. A. (1845) O demônio da perversidade. In: POE, E. A. (autor). *Contos de terror, de mistério e de morte*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

ROUDINESCO, E. & PLON, M. Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SCHOPENHAUER, A. *Metafísica do amor metafísica da morte*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VALAS, P. (1990) *Freud e a Perversão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.